

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
BACHARELADO EM JORNALISMO

Estela Baggio Lima

**REPRESENTAÇÕES DE SI NO CANAL JOUT JOUT PRAZER:
Como se constrói o discurso de Julia Tolezano no YouTube**

Porto Alegre

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
BACHARELADO EM JORNALISMO

Estela Baggio Lima

**REPRESENTAÇÕES DE SI NO CANAL JOUT JOUT PRAZER:
Como se constrói o discurso de Julia Tolezano no YouTube**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Jornalismo

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marcia Benetti

Porto Alegre

2018

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, aos meus pais, Laércio e Cristina, que sempre me apoiaram nessa jornada dentro da Universidade e em todos os momentos da minha vida. Desde a rotina de estudos para o vestibular, até me levarem e buscarem das aulas e estágios. Obrigada, sem vocês isso não seria possível.

Aos meus irmãos mais velhos, Diogo e Rubens, que me ajudaram durante minha trajetória escolar e universitária, me divertiram em momentos de descontração e sempre quiseram o meu melhor, estando perto ou longe. Um obrigada também às minhas cunhadas queridas, Janaína e Kessi, com quem sempre me dei super bem e se demonstraram dispostas a ajudar com o que fosse necessário.

Às minhas amadas Sasha, Meg e Marie (que já está no céu), os melhores bichos de estimação que eu poderia ter. Estavam e estão sempre do meu lado em qualquer situação, me deixando mais alegre e tranquila todos os dias.

Aos meus amigos que participaram da minha jornada no Jornalismo. Vocês me ajudaram de formas diferentes cada um e foram muito importantes para mim, sempre dividindo os perrengues dos trabalhos da faculdade, me animando e rindo a cada momento juntos. Um obrigada especialmente à Andressa, Nicole, Laura e Carolina, que sempre estiveram presentes, sejam nos trabalhos em grupo e/ou nas empreitadas da vida fora da faculdade.

À minha orientadora Marcia Benetti, que sem ela seria impossível a realização dessa monografia. Obrigada pelas aulas que tive ao longo da graduação e, agora, por participar do meu último passo dentro do bacharelado. Agradeço pelos encontros para discutir o andamento do trabalho, pelas correções, pelas dicas, sugestões e livros emprestados.

Ao pessoal da UFRGS TV e do DetranRS. Minha experiência profissional começou com vocês e, sem dúvidas, foi repleta de aprendizados. Obrigada por terem me acolhido como bolsista e estagiária, respectivamente, e me ensinarem a ser uma jornalista.

RESUMO

O presente trabalho analisa a representação de si da jornalista Julia Tolezano no canal brasileiro *Jout Jout Prazer* no YouTube. Utilizando a Análise do Discurso, são observadas as dimensões verbal e audiovisual dos vídeos a fim de definir as características gerais do canal e seu tipo de conteúdo. O corpus é formado por cinco vídeos, escolhidos entre os mais visualizados do canal. Os conceitos de fachada (GOFFMAN, 1985, 2011) e cena de enunciação (MAINGUENEAU, 2008, 2012, 2014b) orientam a análise dos recursos mobilizados pela youtuber para construir a representação de si: as temáticas escolhidas para os vídeos, a forma como se comunica com o público, suas vestimentas, os locais de gravação, sua expressividade facial e seus gestos, entre outros elementos. A pesquisa conclui que Julia busca se construir, diante do espectador, como uma pessoa contemporânea e capaz de tratar de temas polêmicos ou tidos como tabus; inteligente, bem informada, bem-humorada e irônica; alguém que fala diretamente com o público, expõe suas próprias fraquezas e vive situações comuns a qualquer pessoa. O cenário e o figurino são parte fundamental da construção da fachada, reforçando uma imagem espontânea, íntima e acessível. Por fim, a alta expressividade facial de Julia compõe, com os demais recursos discursivos analisados, uma representação de si ancorada nas impressões de honestidade, franqueza e autenticidade.

Palavras-chave: YouTube; Jout Jout Prazer; Julia Tolezano; Discurso; Fachada; Representação de si

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sala de casa.....	40
Figura 2 - Escritório de casa.....	41
Figura 3 - Quintal em casa de amigos.....	42
Figura 4 - Quarto em casa de amigos.....	42
Figura 5 - Quarto de casa.....	43
Figura 6 - Cozinha de casa.....	44
Figura 7 - Vinheta.....	44
Figura 8 - Cabelo cacheado.....	47
Figura 9 - Maquiagem imperceptível.....	47
Figura 10 - Cabelos soltos.....	47
Figura 11 - Poucos acessórios.....	48
Figura 12 - Roupa confortável.....	48
Figura 13 - Espanto.....	50
Figura 14 - Encantamento.....	51
Figura 15 - Choro.....	51
Figura 16 - Excitação.....	51
Figura 17 - Estranheza.....	52
Figura 18 - Ironia.....	53
Figura 19 - Ironia.....	53
Figura 20 - Ansiedade.....	54
Figura 21 - Medo.....	54
Figura 22 - Pavor.....	55
Figura 23 - Excitação.....	56
Figura 24 - Confusão.....	56
Figura 25 - Diversão.....	56
Figura 26 - Estranheza.....	57
Figura 27 - Pavor.....	58
Figura 28 - Indignação.....	58

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 COMPARTILHAMENTO DE VÍDEOS NA REDE.....	8
2.1 YouTube e ascensão dos youtubers.....	9
2.2 Canal Jout Jout Prazer.....	13
3 FACHADA E CENA DA ENUNCIÇÃO.....	17
3.1 Representações de si.....	17
3.2 Cena englobante, cena genérica e cenografia.....	23
3.3 Enunicação aforizante.....	25
4 ANÁLISE DO OBJETO.....	28
4.1 Dimensão verbal.....	30
4.2 Dimensão audiovisual.....	38
4.2.1 Cenário.....	39
4.2.2 Aparência.....	46
4.2.3 Gestos e expressões faciais.....	50
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	62

1 INTRODUÇÃO

O YouTube existe há pouco mais de 13 anos, e há pelo menos oito anos o número de canais na plataforma vem crescendo a ponto de torná-los fonte de renda para seus criadores. Ganhando reconhecimento e fãs tanto quanto programas de TV, estes canais têm se mostrado cada vez mais presentes nas práticas de consumo midiático das pessoas, e seus produtores de conteúdo têm demonstrado grande influência sobre os gostos da audiência. Se há 10 ou 20 anos a camada da população que mais consome vídeos no YouTube – 18 a 34 anos – pautava seu estilo e suas ideias de acordo com o que via nas revistas e TV, hoje quem tende a representá-los são os youtubers.

Este trabalho tem como objeto o canal *Jout Jout Prazer*, da jornalista brasileira Julia Tolezano, com mais de 1,5 milhão de inscritos. O canal está no ar desde maio de 2014, mas obteve repercussão em fevereiro de 2015, com o vídeo *Não tira o batom vermelho*, sobre relacionamentos abusivos. No universo de influenciadoras digitais que se dedicam a fornecer dicas de tendências – moda, decoração, fitness, viagens, beleza, alimentação, carreira –, Julia se destaca pela pauta eclética e pelo tom informal. Parece muito mais dedicada ao conteúdo de suas pautas do que à produção da própria aparência, sempre despojada, e não se preocupa em evitar assuntos polêmicos com receio de perder audiência. Desde o início a essência dos vídeos permanece, centrada na relação franca que a youtuber parece estabelecer com o espectador.

Nesse ambiente, a pergunta que move o interesse de minha pesquisa está relacionada à figura da youtuber Julia Tolezano: que representação de si mesma ela constrói, no canal *Jout Jout Prazer*, quando fala de outras coisas? Sabemos que sempre falamos de nós mesmos ao enunciarmos, mesmo que essa não seja a intenção e mesmo que esse movimento não seja consciente. Ao criar um canal de grande visibilidade, com postagens periódicas sobre temáticas contemporâneas, Julia se apresenta como alguém com determinadas características que – segundo ela mesma está propondo, vídeo após vídeo – devem ser reconhecidas pelos espectadores como “a Jout Jout.” O **objetivo geral** deste trabalho é compreender a representação de si ou a fachada pessoal construída pela jornalista Julia Tolezano em seu canal do YouTube *Jout Jout*

Prazer. Os **objetivos específicos** são: a) analisar as escolhas temáticas e os recursos verbais da youtuber; b) investigar as estratégias audiovisuais da youtuber na construção da cenografia, especialmente o cenário, a aparência, os gestos e expressões faciais.

Para isso, foram selecionados cinco vídeos entre os mais visualizados de todos os publicados até hoje no canal: *A falta que a falta faz*, *Não tira o batom vermelho*, *9 coisas que vocês não sabem sobre nós*, *O que vivi no tinder* e *Probleminha*¹. Sobre este corpus será aplicada a metodologia da Análise do Discurso, observando a dimensão verbal e a dimensão audiovisual. Serão analisados tópicos relevantes dentro destes aspectos em relação ao canal de Julia, como seus trejeitos diante da câmera, o cenário das gravações, sua fala, vestimentas e temáticas abordadas, e de que maneira eles refletem nos vídeos e na imagem sobre si mesma. Serão discutidos aspectos que Julia estabelece na sua comunicação com a audiência e como ela molda o perfil do canal através destes aspectos.

O trabalho está dividido em quatro partes. No capítulo 2 será feita uma contextualização da funcionalidade do YouTube e da produção de vídeos caseiros. Será feita também uma descrição geral do canal Jout Jout Prazer e de sua criadora. No capítulo 3 será trazido o embasamento teórico principal do trabalho. Aqui, levamos em consideração as características trazidas por Erving Goffman (1985, 2011) a respeito da construção da fachada pessoal dos indivíduos em interações sociais, assim como os elementos componentes da cena de enunciação do discurso tratada por Dominique Maingueneau (2004; 2008; 2010; 2014a; 2014b). No capítulo 4, apresento a análise dos cinco vídeos selecionados, trazendo também imagens que ilustram os elementos discursivos presentes na construção da fachada de Julia. Por último, no capítulo 5, trago as considerações finais.

¹Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=GFuNTV-hi9M&t=197s>> (A falta que a falta faz); <<https://www.youtube.com/watch?v=l-3ocjJTPHg&t=125s>> (Não tira o batom vermelho); <<https://www.youtube.com/watch?v=EqwoAe33RzA&t=7s>> (9 coisas que vocês não sabem sobre nós); <https://www.youtube.com/watch?v=_67ryrXkxrQ&t=217s> (O que vivi no tinder); <<https://www.youtube.com/watch?v=3EpSqW7tQNo&t=147s>> (Probleminha) Acesso em 10 de maio de 2018

2 COMPARTILHAMENTO DE VÍDEOS NA REDE

Desde meados dos anos 1970, com a televisão consolidada como um grande meio de comunicação de massa ao redor do mundo, o gosto pelas produções audiovisuais foi se tornando algo comum entre as pessoas. Os programas pelos quais mais se tinha interesse não podiam ser perdidos e, se por acaso não fosse possível assistir no dia, não havia muito o que fazer. A possibilidade de gravar um desses programas e assistir na hora em que quisessem era o que faltava para os espectadores se tornarem donos da própria programação, sem depender mais da grade de horários dos canais de TV. "O público não estava mais satisfeito com 'o que quer que estivesse passando no momento em que ligassem a tevê.' Eles queriam poder escolher quando, onde e/ou o que assistir" (GLINIS, 2015, p. 7, tradução minha)². Como aponta o pesquisador americano Shawn Glinis, a popularidade das câmeras de vídeo caseiras e fitas VHS foi crescendo, atingindo seu pico por volta dos anos 1980 e 1990. Mas nem só para gravações de programas televisivos serviam as fitas e câmeras. Os vídeos caseiros passaram a ser parte do acervo de memórias das famílias e continuam sendo até hoje, com a diferença de utilizarem câmeras digitais ou de celular.

O ato de registrar em vídeo momentos marcantes ou aleatórios entre amigos e família servia, basicamente, para consumo próprio. Ver e rever aquela festa de aniversário ou casamento do primo, com um grande grupo reunido em casa, poderia ser até um ritual de confraternização. O que antes era particular tinha um motivo de existir; aquilo fazia sentido no contexto de um grupo de pessoas específico, e o objetivo era, assim como com as fotografias, registrar momentos da própria vida e rever na hora que quisessem.

Com a internet e, principalmente, sites como o YouTube, se tornou normal disponibilizar essas videografias de si para quem, em qualquer lugar do mundo, desejar vê-las. "A incorporação dos recursos tecnológicos para a escrita do eu aponta indícios de que esta é uma atividade reagente ao contexto da sociedade na qual está inserida" (LIMA; MARTINS, 2016, online). O ato de gravar vídeos

²No original: "Viewers were not satisfied with 'whatever was on the set when they turned it on.' They wanted to be able to choose when...where...and/or which program to see."

atravessou décadas e, com novos recursos, a prática ganhou contextos e significações diferentes. Mas por que o ato de gravar a si mesmo e entes queridos, que antes tinha a pura intenção de ser um acervo de memórias, se tornou fonte do entretenimento de estranhos?

Nossos vídeos no YouTube frequentemente capturam características particulares e próprias de nós mesmos e de nossa cultura local, ao mesmo tempo em que nos lembram da natureza universal da vida cotidiana. A audiência online muitas vezes se identifica com a representação do universal enquanto se afastam de culturas locais que não são *mainstream*. Portanto, o YouTube atua como um repositório de comportamentos inusitados, cultura local, experiências compartilhadas e memórias coletivas. (STRANGELOVE, 2010, p. 40, grifo do autor, tradução minha)³

Como aponta Paula Sibilia (2008, p. 31, grifos da autora) "o *eu* que fala e se mostra incansavelmente na web costuma ser tríplice: é ao mesmo tempo narrador, autor e personagem. Além disso, porém, não deixa de ser uma ficção, pois [...] é sempre frágil o estatuto do *eu*". Assim como há 20 ou 30 anos, as gravações caseiras atuam como instrumento de construção da própria identidade dos sujeitos. Como consumidores e membros de uma audiência, nos identificamos com aquilo que é parecido conosco. A diferença é o quão real é a construção desse eu em frente às câmeras hoje em dia e o que se pretende transmitir a uma plateia, que, agora, não é mais familiar, mas desconhecida.

Pois usar palavras e imagens é agir: graças a elas podemos criar universos e com elas construímos nossas subjetividades, nutrindo o mundo com um rico acervo de significações. [...] Há limites, porém, para as possibilidades criativas desse *eu* que fala e desse *eu* que se narra. Pois o narrador de si não é onisciente: muitos dos relatos que dão espessura ao *eu* são inconscientes ou se originam fora de si: nos outros; aqueles que, além de serem o inferno, são também o espelho e possuem a capacidades de afetar a própria subjetividade. (SIBILIA, 2008, p. 31 e 32)

2.1 YouTube e ascensão dos youtubers

Fundado em 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, o YouTube é o maior site de compartilhamento de vídeos da internet. Logo quando

³No original: "Our YouTube videos often capture the particular and idiosyncratic character of ourselves and our local culture while also reminding us of the universal nature of our everyday lives. The online audience often identifies with the presentation of the universal while recoiling from local cultures that are not part of the mainstream. Thus, YouTube acts as a repository for idiosyncratic behaviour, local culture, shared experiences, and collective memories."

ainda ganhava reconhecimento dos usuários, no final de 2006, a Google comprou a empresa dos criadores originais. Em 13 anos de existência, o site é um dos mais acessados no momento e conta com mais de 1 bilhão de usuários, com uma média de idade entre 18 e 34 anos⁴. Atualmente disponível em 88 países e 76 idiomas, o YouTube é uma plataforma de alcance mundial.

Pela forma com que as pessoas produzem e consomem conteúdo, o YouTube pode ser considerado uma rede social. Como define Raquel Recuero (2012, p. 16), "as redes sociais são as estruturas dos agrupamentos humanos, constituídas pelas interações, que constroem os grupos sociais". Com a possibilidade de comentar nos vídeos, os usuários da plataforma interagem entre si com questionamentos e opiniões sobre o que acabaram de assistir, contribuindo para que se sintam mais próximos daquilo que acompanham do que se sentiriam vendo o mesmo na TV, por exemplo. Recuero (2012, p. 20) completa: "as redes sociais, desse modo, não são pré-construídas pelas ferramentas, e, sim, apropriadas pelos atores sociais que lhes conferem sentido e que as adaptam para suas práticas sociais".

Um ambiente virtual que permite o compartilhamento de experiências e pensamentos de qualquer um – que tenha acesso à internet e uma conta no Google – parece colocar no mesmo patamar o vídeo mais bem produzido e editado e aquele gravado sem tantos recursos.

De um ponto de vista da audiência, é uma plataforma que proporciona acesso à cultura ou uma plataforma que permite aos consumidores participarem como produtores? Essa abertura é a fonte do alcance e diversidade do YouTube, assim como a causa de muitos entraves entre um controle que acontece de cima para baixo e uma emergência de baixo para cima das quais as políticas do site são feitas. (BURGESS; GREEN, 2009, p. 14, tradução minha)⁵

A maneira com que cada vídeo vai ser interpretado e o seu alcance dependem muito mais de quem assiste e compartilha do que do próprio meio de compartilhamento – o YouTube, no caso. O site é um repositório digital, e os criadores somos nós. "Quando os membros do público escolhem retransmitir

⁴Disponível em <<https://www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/about/press/>> Acesso em 5 de maio de 2018

⁵No original: "From an audience point of view, is it a platform that provides access to culture, or a platform that enables consumers to participate as producers? This openness is the source of YouTube's diversity and reach, as well as the cause of the many clashes between top-down control and bottom-up emergence that produce its politics."

textos de mídia, eles demonstram que pertencem a uma comunidade, que estão *in* em relação à referência e compartilham alguma experiência em comum" (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 258). Henry Jenkins já havia dito que aquilo que não se propaga está morto (2014), então, segundo ele, para que algo seja mais suscetível de compartilhamento é preciso que esteja disponível quando e onde o público quiser, que seja portátil e reutilizável em diferentes situações, relevante para diversos públicos e parte de um fluxo constante de material.

As práticas sociais de mídia propagável precisam de material que seja citável, ao fornecer formas fáceis para que o público possa extrair trechos desse material e compartilhar esses trechos com os outros; e apropriável, ao fornecer as funções tecnológicas que tornam o conteúdo de fácil manuseio e compartilhável. (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 234)

O grau de sucesso de um vídeo vai depender de uma série de fatores, como o que se pretende com ele e se a faixa etária mais representativa da plataforma se identifica com o conteúdo. A ideia de ver outras pessoas que, aparentemente, são como nós, cria a noção de proximidade com aquilo que se assiste. Além disso, reforça o pensamento de que existe um lugar em que se pode ser quem se é ou quem se deseja ser.

Um dos principais motivos pelos quais o YouTube se tornou popular tão rápido é porque ele oferece comunicação e uma comunidade virtual enquanto fornece versões menos idealizadas, menos polidas de nós mesmos e do mundo. Aspectos atrativos do YouTube são o diálogo, acesso a opiniões e pessoas, e a sensação de que estamos vendo coisas que não podem ser vistas em mídias comerciais regulares. Representações idealizadas existem no YouTube, mas no geral ele parece representar uma versão mais imperfeita da vida. (STRANGELOVE, 2010, p. 48, tradução minha)⁶

Talvez um certo descontentamento com uma representação aparentemente perfeita das pessoas por parte de mídias mais tradicionais, como o jornal, a TV e as revistas, tenha levado o público a apostar na internet como local onde o real, o normal e o cotidiano prevalecem. Para postar um vídeo ou texto em qualquer local da rede não são necessários grandes recursos monetários nem um contrato com alguém. Claro que eventuais patrocínios

⁶No original: "One of the main reasons why YouTube became so popular so fast is because it offers communication and virtual community while also providing less idealized, less polished, versions of ourselves and our world. Attractive aspects of YouTube are dialogue, access to opinions and people, and the sense that we are seeing things that cannot be seen within the regular fare of commercial media. Idealized representations of the home do exist within YouTube, but overall it seems to present a grittier representation of home life."

colaboram para o sucesso de uma pessoa na rede, mas não são um requisito para que se possa publicar algo. Conforme a internet foi ocupando o espaço de preferência para consumo de quaisquer conteúdos pelas pessoas, as empresas passaram a investir ali também, de forma a manterem seus negócios relevantes. É normal encontrar vídeos patrocinados por diversas marcas no YouTube, com publicidade como as da TV, interrompendo a exibição do vídeo.

O conceito de que você é o consumidor e também pode ser a estrela em um mesmo local pode ser interpretado como um aspecto positivo do YouTube, que nega, a princípio, as imposições e perfeições da programação televisiva. Por outro lado, pode servir como alimento do ego e de atitudes narcisistas por parte daqueles que fazem de tudo pela fama na plataforma – assim como em outras redes sociais.

O mesmo produtor/consumidor é responsável pela criação do canal pelo qual irá se comunicar, pela roteirização do tema a ser abordado, captação das imagens, iluminação da cena, edição de imagem, edição de áudio, arte gráfica presente no canal e no vídeo, publicação do vídeo e gerenciamento das mídias sociais. (BERNARDAZZI, 2016, online)

Quem se estabelece como produtor de vídeos no site é frequentemente chamado de *youtuber*. Desde o começo da década de 2010, os youtubers – pessoas que trabalham produzindo conteúdo audiovisual para o YouTube – vêm ganhando destaque e reconhecimento na mídia. Como aponta a pesquisadora Paula Coruja, esses criadores, no geral, usam a estética da confissão para a câmera no quarto, abordam os mais diversos assuntos e aparecem com destaque nos rankings de popularidade, o que rende muito economicamente e chama a atenção de grandes empresas produtoras de conteúdo (CORUJA, 2017, p. 44). Conforme cresce o engajamento do público que acompanha o canal, aumentam as chances de quem produz os vídeos conseguir transformar aquilo que, inicialmente, poderia ser um hobby em uma profissão. O perfil de cada canal varia, dependendo da faixa etária de quem produz o conteúdo e do tipo de público que procura atingir com as produções.

Além do número de visualizações e dos comentários nos vídeos, o YouTube proporciona ferramentas que "liguem" a pessoa que assiste e se identifica com o que vê àquele tipo de conteúdo. Clicando no botão de "gostei"

logo abaixo dos vídeos, o sistema de algoritmos do site interpreta o gesto como uma indicação de que o usuário gostaria de ver mais conteúdos parecidos com aquele. Além disso, a opção de se inscrever nos canais sugere ainda mais conexão com um tipo de produção, pois o espectador se identifica não só com um vídeo ou outro, mas com um produtor de vídeos em si, com a pessoa por trás da ideia toda. Conforme a popularidade do YouTube foi se estabelecendo, as pessoas viram ali uma oportunidade de criar os próprios vídeos e fazer disso um negócio lucrativo.

2.2 Canal Jout Jout Prazer

Como exemplo de canal brasileiro que já ganhou e continua ganhando reconhecimento está o Jout Jout Prazer, objeto de análise deste trabalho. Julia Tolezano, criadora do canal, é jornalista de formação e ganhou destaque na mídia em 2015 ao postar o vídeo *Não tira o batom vermelho*, em que fala de relacionamentos abusivos. O sucesso foi grande, o vídeo *viralizou* – foi compartilhado diversas vezes nas redes sociais – e Julia, que até então tinha pouco mais de 10 mil inscritos no seu canal, hoje tem mais de 1,5 milhão de inscritos⁷.

A youtuber tem 27 anos, é de Niterói, Rio de Janeiro, e começou a produzir vídeos para o YouTube para perder o medo de críticas, segundo ela mesma conta. Junto com seu então namorado Caio, que ajuda nas gravações até hoje e que a convenceu a tomar o primeiro passo para fazer um canal, Julia criou o Jout Jout Prazer. Através dele, desde maio de 2014 Jout Jout traz vídeos semanalmente, quase sempre dois por semana, sobre os mais variados assuntos. Porém, só em fevereiro de 2015, com o vídeo *Não tira o batom vermelho* ela ganhou mais visibilidade e atenção de todos. Nele, a niteroiense fala sobre os diferentes tipos de abusos sofridos por mulheres e rapazes em ocasiões diversas dentro de um relacionamento – um tema muito debatido mas ainda retratado com um quê de tabu. De maneira leve e indo direto ao ponto, Julia teve o vídeo compartilhado inúmeras vezes nas redes sociais, atingindo mais pessoas e

⁷Disponível em <<https://www.youtube.com/user/joutjoutprazer>> Acesso em 6 de maio de 2018

conquistando mais fãs. Assim, Jout Jout, que há quase um ano mantém o canal, tomou uma posição de "destabilizadora" de temas, quase uma conselheira da internet sobre problemáticas socialmente interdidas.

Seus vídeos curtos, sobre os mais variados assuntos, feitos aparentemente com uma certa despreensão, cativaram e cativam ainda milhares de fãs que gostam de seu jeito de falar com o público. Com uma linguagem que se aproxima de uma amiga conversando com quem assiste, dentro de sua própria casa, às vezes até enquanto faz alguma tarefa doméstica como cozinhar ou guardar roupas, Julia transforma o ambiente da internet em algo aconchegante para quem a assiste. Ela trata desde questões mais sérias até as mais triviais.

Observa-se, no desenho de canal construído em Jout Jout Prazer, que o amadorismo – seja ele intencional ou não – aproxima autor e espectador. As marcas do naturalismo nos vídeos diminuem as distâncias entre emissor e receptor nesse processo comunicacional, conferindo ao material a ideia de acessibilidade do espectador em relação ao emissor, corroborada pela possibilidade de identificação com o personagem presente naquele vídeo. (LIMA; MARTINS, 2016, online)

Julia agrada um público de diversas faixas etárias, pois seu conteúdo não é especificamente voltado a um tipo de audiência. Devido aos comentários em seus vídeos e em suas redes sociais, essas pessoas se parecem e se identificam com ela e com as histórias compartilhadas. Julia capta um pouco dos pensamentos que um jovem de 20 e poucos anos possa ter hoje em dia e expõe isso de maneira criativa, objetiva e um pouco (talvez nem tão pouco, em alguns casos) irônica. Jout Jout aparenta ser uma influência e amiga, mesmo que distante, para quem a vê na telinha. Evidentemente, e até mesmo por seu perfil polemista, também existem haters entre sua audiência. São seguidores que mantêm vínculo com o canal apenas para agredir Julia ou os demais seguidores.

De youtubers fazendo de tudo para chamar a atenção e conquistar visualizações a plataforma está cheia⁸, mas algo torna Jout Jout única. Quando pensamos em youtubers mulheres, logo vêm à mente as famosas blogueiras, mulheres que trabalham com conteúdo de moda e beleza. Estas, em geral, por mais diferentes que sejam umas das outras, procuram manter uma imagem

⁸Até onde os youtubers estão dispostos a ir pela fama? Disponível em <<http://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,ate-onde-os-youtubers-estao-dispostos-a-ir-pela-fama,70001872323>> Acesso em 10 de maio de 2018

próxima à perfeição estética. É perceptível que elas tentam mostrar seus "defeitos" vez ou outra para quem as acompanha, mas o foco do trabalho delas é justamente a imagem exterior e como o mundo, e sobretudo as marcas, as veem. Jout Jout, por outro lado, usa de sua imagem não para criar um ideal a ser atingido e almejado, mas sim como um aspecto, novamente, de sua despreensão e proximidade com quem a assiste. Com roupas casuais, cabelo às vezes um pouco bagunçado ou preso de qualquer jeito e sem maquiagem na maior parte do tempo, ela não se coloca num pedestal de perfeição, mas sim se iguala a qualquer pessoa normal que possa ver um de seus vídeos.

Com um tom bem-humorado, sarcástico, sem muita enrolação e um palavreado coloquial, com uso de palavrões mas ao mesmo tempo com um repertório sofisticado, Julia imprime sua personalidade em qualquer tema que aborde. Quem vê um vídeo seu geralmente vai querer um pouco mais, saber o que ela tem a dizer sobre esse ou aquele assunto.

O conteúdo que despertou a identificação da audiência de Jout Jout só se manifesta da forma observável no vídeo porque a vlogger o interpreta de acordo com a performance que lhe é característica. Ou seja, tal conteúdo é particular ao modo como Jout Jout se comunica, considerando que o único recurso do vídeo é a própria fala da jovem e sua gestualidade, postura, vocabulário, etc. (FANTONI, 2015, online)

A youtuber têm consciência de sua própria imagem, e isso a leva a agir com cautela e transparência ao fazer publicidade para uma marca ou produto. Os vídeos desse tipo são publicados em dias que não sejam terças e quintas (os dias em que posta normalmente) para que a programação normal do canal não seja substituída por um conteúdo publicitário nem seja confundida com ele. E mesmo assim, os vídeos de *merchandising* são geralmente vistos com apreço por quem a acompanha e repletos de elogios pela criatividade nos comentários.

Julia tem um grande poder de influenciadora digital e ela vem sabendo lidar com isso. "Antes [do sucesso do canal] meus vídeos iam dormir com 4 mil views no máximo, agora dormem com algo em torno de 20 mil. Começou a chegar a

galera 'aí, garota estranha', que não se pronunciava antes. Fora isso, continua a mesma coisa" (JOUT JOUT, online)⁹.

A Julia de 2018 não é a mesma Julia de 2014, do começo do canal, porém, mesmo com o sucesso conquistado, se compararmos um vídeo de agora com algum de anos atrás, veremos que a essência foi mantida. Com o lançamento de seu livro *Tá Todo Mundo Mal* em 2016, em que fala das pequenas neuroses e crises que fazem ou fizeram parte de sua vida, Julia reforça a quem a acompanha a ideia de que todos passam pelas mesmas situações e como o que antes se achava estranho, na verdade, é normal. "Você provavelmente não me conhece. Ou me conhece muito. [...] De qualquer forma somos parecidíssimos. Porque eu tenho crises e você tem crises. Quem sabe já tivemos as mesmas crises" (JOUT JOUT, 2016, p. 15). Julia traz a identificação e até credibilidade a um ambiente (a internet) em que as aparências, por mais críveis que sejam, também podem enganar.

⁹Jout Jout em entrevista ao site Petiscos, em março de 2015, logo após o sucesso de Não Tira o Batom Vermelho. Disponível em <<https://petiscos.jp/quatroolho/o-fenomeno-do-youtube-jout-jout>> Acesso em 10 de maio de 2018

3 FACHADA E CENA DA ENUNCIÇÃO

Partindo do princípio de que os indivíduos vivem em sociedade e, portanto, interagem entre si, pode-se observar alguns padrões de comportamento e postura nessas ocasiões. Aquilo que se é perante os outros pode se dar devido a atitudes previamente programadas para causar uma impressão específica ou pode ser feito de maneira inconsciente. Para além do *eu* que cada pessoa expõe em determinada situação, há ainda um cenário à sua volta que influencia a construção dos sentidos de uma certa mensagem e o objetivo das ações do indivíduo. A interpretação desses sentidos se relaciona com o próprio suporte ou dispositivo utilizado, com o tipo de discurso que está sendo construído e com quem está falando. Todos esses aspectos afetam a imagem da pessoa comunicadora e como isso transparece no que é dito ou não dito por ela. Definindo o que cada parte representa na interação, fica possível analisar a composição do discurso de um indivíduo.

3.1 Representações de si

Aquilo que mostramos aos outros em uma interação é quem somos ou quem queremos ser? Como dito anteriormente, algumas escolhas sobre quem se pretende ser nesse ou naquele momento podem ser pensadas com antecedência antes do ato ou feitas mesmo sem perceber o porquê. Para Erving Goffman, nas relações humanas há uma ideia de representação de nós mesmos, algo como um teatro da vida, nos encontros sociais.

Quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. Pede-lhes para acreditarem que o personagem que veem no momento possui os atributos que aparenta possuir. (GOFFMAN, 1985, p. 25).

Desse modo, o indivíduo que representa, se deseja que os demais acreditem na sua representação, precisaria ele primeiro acreditar no que está demonstrando. Segundo Goffman, pode-se dividir os indivíduos em *sinceros* e *cínicos*. O sincero é aquele que acredita, confia no que está representando. O cínico é aquele que não se convence de seu próprio ato, mas continua a

representar um determinado papel. Quem é sincero pode, eventualmente, ser cínico em algum momento, e vice-versa. Ou seja, a alternância entre um e outro aspecto da representação de si mesmo pode ocorrer em diversos contextos. Um vendedor de cosméticos pode desempenhar seu papel em frente a um cliente demonstrando confiar naqueles produtos e pode, ou não, realmente acreditar que eles funcionem. Se acredita e consegue se fazer acreditar, está sendo sincero. Se não acredita e consegue fazer com que os outros acreditem no ato mesmo assim, seria cínico. Essa representação de si se dá por meio do que Goffman conceitua como *fachada*: “A fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação” (GOFFMAN, 1985, p. 29).

Como composição da interação social, a fachada é uma construção que segue uma *linha* - padrões de atos verbais e não verbais com os quais a pessoa expressa sua opinião sobre a situação (GOFFMAN, 2011, p. 13) e é composta de um *cenário* e da *fachada pessoal*. Mais adiante neste capítulo abordarei o conceito de *cena da enunciação*, que abrange mais elementos, mas, de maneira simplificada, o cenário é literalmente o que compõe a cena da representação. Pode ser um escritório, uma sala de estar, uma cozinha, de maneira que quem interage ali faz uso daquele ambiente na construção da própria fachada. Tudo que é externo à pessoa que enuncia materializa um cenário que tem peso na construção de sentidos sobre o próprio enunciador: o local, o mobiliário, a iluminação, os sons. Além do cenário, Goffman traz o termo *fachada pessoal*.

Podemos tomar o termo "fachada pessoal" como relativo aos outros itens de equipamento expressivo, aqueles que de modo mais íntimo identificamos com o próprio ator, e que naturalmente esperamos que o sigam onde quer que vá. Entre as partes da fachada pessoal podemos incluir os distintivos da função ou categoria, vestuário, sexo, idade, características raciais, altura e aparência, atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes. (GOFFMAN, 1985, p. 31)

Espera-se, geralmente, coerência destes aspectos pessoais com o ambiente e o que se vê representado. É comum imaginar que alguém que possua um cargo importante dentro de uma empresa se vista de maneira formal, elegante, de modo que não destoe de sua função. Se um funcionário, por exemplo, vê seu chefe, que está sempre de terno e gravata, correndo num

parque, com roupas simples, e se aproxima para cumprimentá-lo, por um momento pode ser que ele estranhe a pessoa ali em questão por não ser esta a fachada com que está acostumado a lidar no dia a dia. Não quer dizer que esse seja o verdadeiro eu daquele chefe e no escritório seja uma interpretação falsa. Ele está apenas agindo de acordo com o esperado naquele ambiente. São diferentes facetas de um mesmo indivíduo que, quem convive com apenas uma, se espanta quando interage com outra.

Entretanto, há momentos em que um indivíduo pode estar *fora de fachada* ou com a *fachada errada*. Quando alguma informação sobre o valor social de uma pessoa não pode ser integrada com a linha que está sendo mantida por ela, essa incongruência fica evidente e dizemos que ela está com a fachada errada. Quando alguém participa de um contato com outros sem ter uma linha pronta, do tipo esperado que participantes de tais situações tenham, ela está fora de fachada. Quem acredita no que mantém perante os outros sabe bem a impressão que pretende passar, está com a fachada e não se sentirá preocupado com sua representação tão cedo. Do contrário, a sensação de vergonha pode tomar conta, fazendo com que fique com a *fachada envergonhada*. Isso pode acontecer quando ocorre alguma situação inesperada, um imprevisto, fazendo com que o que estava programado tenha de ser repensado. Entra em cena então o que Goffman chama de *aprumo* - capacidade de suprimir e esconder qualquer tendência de ficar com a fachada envergonhada durante encontros com outros. Na tentativa de manter a pose, a pessoa pode fingir que não aconteceu nada que prejudicasse sua fachada e seguir em frente com a interação.

Preservar a fachada traz a noção de que em momento algum a fachada foi ameaçada, mostrando aos que estão ali presentes que o controle foi mantido. Essa necessidade de não demonstrar fraquejo, por assim dizer – considerando a fachada como algo a ser valorizado e mantido sem falhas, dependendo de qual contexto estamos tratando –, deve-se à tentativa de manter uma ordem. As motivações da preservação da fachada podem variar desde o orgulho pessoal, quando se trata de algo que o indivíduo sente que deve a si mesmo; por honra, caso deva isso a algo ou alguém maior; por dignidade, quando se relaciona com suas emoções e postura; ou então pelo status que a fachada lhe proporciona.

“Atributos aprovados e sua relação com a fachada fazem de cada homem seu próprio carcereiro; esta é uma coerção social fundamental, ainda que os homens possam gostar de suas celas” (GOFFMAN, 2011, p. 18). Espera-se que o nosso eu, aquele exposto diante de outros socialmente, seja estável e coerente o tempo todo. Dependendo da situação, pode ser mais fácil ou mais difícil manter as impressões, pois o inesperado talvez coloque a representação em risco. Cabe a quem foi pego de surpresa usar de artifícios para continuar no personagem sem grandes consequências para si mesmo.

Existem algumas maneiras de salvar a fachada e cada pessoa, conforme vai adquirindo experiência de vida, estabelece o que acha que funciona melhor para tal feito. Lembrando que a interação social define os seus próprios rumos, no sentido de que o que uma pessoa diz ou deixa de dizer pode influenciar o que a outra irá pensar e responder. Sendo assim, na tentativa de preservar a fachada, deve-se levar em conta no que isso influenciaria na situação em questão, na continuidade da interação com o outro. O mesmo ocorre quando se procura salvar a fachada de alguém que não a si próprio. Salvando a sua fachada a pessoa leva em consideração o que aquilo pode causar nas fachadas alheias; salvando a de outra pessoa, vai se utilizar de técnicas que ajudem ao outro e não prejudiquem a si mesmo. Em posse da perceptividade e habilidade social, o indivíduo se tornaria, então, capaz de exercer a manutenção de sua fachada de forma que saiba o que isso acarretaria à interação e aos outros envolvidos.

Podemos esperar que os membros de todo círculo social tenham algum conhecimento da preservação da fachada e alguma experiência de uso dela. Em nossa sociedade, esse tipo de capacidade às vezes é chamado de tato, *savoir-faire*, diplomacia ou habilidade social. (GOFFMAN, 2011, p. 21)

Como tipo de preservação da fachada, podemos citar o *processo de evitação*, que nada mais seria do que evitar situações em que ameaças à fachada sejam prováveis. Evitando um encontro destes, a fachada nunca seria afetada. Porém, a evitação pode ser um artifício utilizado durante uma interação como forma de fuga de um possível problema. A maneira encontrada de preservar a fachada é justamente fugir de tópicos que não se saiba como contornar ou ações que não se conseguiria prosseguir por muito tempo, de forma, às vezes, imperceptível para quem participa daquele momento, caso seja feito sem esforço

ou dificuldade aparente. Como parte de seu ato, a pessoa que evita procura se expressar de um jeito mais acanhado inicialmente, tendo tempo de avaliar a situação em que se encontra, e daí sim seguir uma linha de acordo com os demais envolvidos, sem grandes problemas para a própria imagem. "Ela emprega a discrição; ela não menciona fatos que possam, implícita ou explicitamente, contradizer e constranger as afirmações positivas feitas pelas outras [pessoas]" (GOFFMAN, 2011, p. 24). O que prevalece, talvez, seja um excesso de polidez e cautela para não correr riscos de não ter uma fachada tão agradável quanto gostaria.

Em contrapartida, o *processo corretivo* ocorre quando uma situação não pôde ser evitada e se torna necessário uma correção do incidente. Os participantes em questão podem se sentir desequilibrados devido ao que quer que os tenha tirado do eixo e assim, tentam restabelecer a ordem. Todo o processo corretivo padrão conta com algumas práticas comuns, rituais a serem seguidos para que a ordem seja restabelecida: os envolvidos chamam a atenção para o erro cometido, ocorre a oferta de compensação do erro por parte de quem o cometeu, quem foi prejudicado aceitaria a oferta e por fim, a gratidão expressa por quem foi perdoado. Como as interações humanas não estão isentas das emoções sentidas por seus participantes, esse seria um processo que poderia muito bem piorar o que já estava ruim, por assim dizer. Uma expressão utilizada, um gesto, um olhar, poderiam ser suficientes para um ou outro indivíduo duvidar da sinceridade dos atos e não "seguir o roteiro" imaginado.

Qualquer que seja sua posição na sociedade, a pessoa se isola através de cegueiras, meias-verdades, ilusões e racionalizações. Ela faz um "ajuste" ao se convencer, com o apoio diplomático de seu círculo íntimo, de que ela é o que quer ser e que ela não faria, para atingir seus objetivos, o que os outros fizeram para atingir os deles. (GOFFMAN, 2011, p. 41)

Manter uma imagem de si perante os outros pode nem ser percebido por algumas pessoas pois, em suas mentes, pensam estar agindo naturalmente e isso não exigiria esforço algum. As relações humanas, mesmo tendo suas especificidades, estabelecem alguns padrões de comportamento que se repetem independentemente do gênero, idade ou profissão dos envolvidos. Assim que uma criança aprende a falar, ela também aprende maneiras de se expressar e de

se comportar específicas da sociedade em que vive – que nem sempre serão seguidas à risca – ao ver as pessoas que a cercam agindo de determinados jeitos. Sendo uma espécie que socializa, querendo ou não, os seres humanos seguirão certos padrões, mesmo com as individualidades de cada um.

A fachada se configura como parte importante na construção do que William James vai chamar de *self*. O conceito, apropriado por Goffman, representa o papel do indivíduo da interação, aquilo que ele representa. "Goffman diz que o *self* é o 'eu socializado', que se reveste das expectativas, inclusive estéticas e morais, criadas sobre aquele tipo de personagem" (BENETTI, 2018, online)¹⁰. A representação do eu tem relação com os demais envolvidos numa situação e com o cenário em que se encontram. As necessidades que cada ator terá para manter-se no personagem podem ser diferentes e o indivíduo se esforçará a ser o que a situação permite que ele seja, variando a performance conforme as próprias características de sua personalidade e a interação em questão.

Uma cena corretamente representada conduz a plateia a atribuir uma personalidade ao personagem representado, mas esta atribuição - este "eu" - é um produto de uma cena que se verificou, e não uma "causa" dela. O "eu", portanto, como um personagem representado, [...] é um efeito dramático, que surge difusamente de uma cena apresentada, e a questão característica, o interesse primordial, está em saber se será acreditado ou desacreditado. (GOFFMAN, 1985, p. 231)

Outro conceito importante de trazer aqui, e que está relacionado à fachada, é o de *ethos*, a representação de si. Em termos de funcionamento dessa representação, temos um *ethos* prévio ou pré-discursivo, que seria “a imagem preexistente do locutor” (HADDAD, 2013, p. 145), e o *ethos* discursivo, aquele que é produzido pelo enunciador em cada ato discursivo. “O *ethos* é fundamentalmente um processo *interativo* de influência sobre o outro” (MAINGUENEAU, 2014a, p. 17, grifo do autor). O *ethos* prévio é a representação sobre si que é acionada assim que se sabe que o enunciador entrará em cena, antes mesmo do início da interação, e depende das expectativas criadas para o tipo de discurso que será ali construído. À medida que a interação ocorre, o *ethos*

¹⁰BENETTI, Marcia. **Erving Goffman**: a microssociologia da interação. 2018. no prelo.

discursivo vai se formando e nem sempre ele condiz com a expectativa prévia. O ethos discursivo se dá numa cena de enunciação, que tratamos a seguir.

3.2 Cena englobante, cena genérica e cenografia

Seguindo a lógica de que as relações sociais se constroem como uma interação teatral, trazendo diferentes possibilidades de representação, é relevante destacar os elementos presentes na composição das cenas para além dos próprios atores. O gênero do discurso ajuda a definir maneiras de desenvolver uma mensagem para o público a que se destina. Um ator só irá seguir esse ou aquele comportamento sabendo no que está se envolvendo e no que isso pode acarretar para si e para os demais envolvidos na cena. Utilizando as três dimensões que Dominique Maingueneau retrata na definição de cena da enunciação – *cena englobante, cena genérica e cenografia* –, ficará mais claro o entendimento da composição de um discurso.

O gênero do discurso recobre o conjunto das atividades discursivas decorrentes do regime instituído [...] De fato, o discurso pressupõe certo quadro, definido pelas restrições do gênero, mas deve também gerir esse quadro pela encenação de sua enunciação. (MAINGUENEAU, 2014b, p. 117)

A *cena englobante* é o tipo de discurso retratado. Seria uma espécie de categorização do discurso, tendo cada um os seus objetivos próprios e servindo de guia para nossa interpretação. As classificações variam, podendo ser ele político, religioso, publicitário, jornalístico, entre tantos outros. Sabendo do que se trata o discurso, surgirão expectativas e modos de entendimento do texto em questão, pois é acionado um ethos prévio sobre o enunciador. A *cena genérica* traz uma maior especificação, tratando dos gêneros de discurso. Os gêneros e subgêneros definem as finalidades de cada texto ou fala. Discursos com a mesma cena englobante não necessariamente vão seguir uma mesma cena genérica, podendo haver dentro de um mesmo tipo de discurso diversos gêneros e subgêneros. Um panfleto publicitário de uma clínica de estética não terá a mesma linguagem e conteúdo de um panfleto publicitário de uma lanchonete, por exemplo. As especificidades de cada gênero tornarão a forma de contato com o interlocutor mais apropriada para a captação e convencimento daquilo retratado

na mensagem. Por último, a *cenografia*. Trazendo singularidade para a enunciação, a cenografia é a parte que constitui o discurso e ao mesmo tempo se forma conforme o decorrer dele. A maneira como o discurso será transmitido, seu modo mais específico e explorado, é a cenografia. Uma mensagem transmitida em forma de carta, escrita pelas próprias mãos do enunciador, mesmo sem o conhecimento do que há em seu conteúdo, já emite por si só uma possível ideia de interpretação daquela informação e gera uma expectativa. A escolha por falar o mesmo de outra forma, como uma ligação telefônica, pode conotar uma outra possível interpretação de quem recebeu a mensagem, mesmo sendo dita a mesma coisa. Intimidade ou não com a pessoa a quem se comunica, se o que está sendo falado é bom ou ruim ajudam a dar forma à cenografia. Ela se concebe como efeito e processo da situação de enunciação, variando conforme o posicionamento de quem enuncia. Não por acaso, os indivíduos optam por maneiras específicas de se comunicarem pois sabem que a escrita, os gestos, o tom de voz e o que mais que possa compor o cenário do discurso interfere na sua interpretação.

Para desempenhar plenamente seu papel, a cenografia não deve, portanto, ser um simples quadro, um elemento de decoração, como se o discurso viesse ocupar o interior de um espaço já construído e independente desse discurso: a enunciação, ao se desenvolver, esforça-se por instituir progressivamente seu próprio dispositivo de fala. (MAINGUENEAU, 2004, p. 118)

Como parte da construção do discurso, é levado em conta o que o enunciador pretende comunicar com ele e de que modo deseja atingir os que entrarão em contato com esse discurso. Dessa forma, o *ethos* discursivo faz parte dessa construção. “As ideias são apresentadas através de uma maneira de *dizer* que é também uma maneira de *ser*, associada a representações e normas de disciplina do corpo” (MAINGUENEAU, 2008, p. 53). Assim como dito a respeito da construção da fachada, o sujeito comunicador, por si só, possui características que pretende enaltecer ou esconder a fim de construir uma imagem que convença e seja coerente com o discurso que evoca. O receptor da mensagem, o destinatário, se encontraria na mesma cena de enunciação do enunciador para total compreensão de sentido do discurso. O *ethos* conta, então, com diferentes possibilidades de exploração, dependendo do tipo de discurso a ser construído, seu gênero e sua cenografia. Ele será validado conforme o decorrer da cena de

enunciação. Desde antes do discurso acontecer na prática, o *ethos* já ajuda a compor o que cabe ou não de ser dito naquele contexto conforme o modo de ser e de falar de seu enunciador.

O *ethos* de um discurso resulta de uma interação de diversos fatores: *ethos* pré-discursivo [representações do *ethos* do enunciador antes mesmo de sua fala], *ethos* discursivo (*ethos* mostrado), mas também de fragmentos do texto em que o enunciador evoca sua própria enunciação (*ethos* dito): diretamente ou indiretamente [...] O *ethos* efetivo resulta da interação dessas diversas instâncias, cujo peso respectivo varia segundo os gêneros de discurso. (MAINGUENEAU, 2008, p. 71, grifos do autor)

3.3 Enunciação aforizante

O processo de enunciação compreende diversos aspectos que fazem do discurso o que ele é. Modificando o tipo de discurso, gênero, cenografia, além das variantes pessoais de cada um envolvido, modifica-se a interpretação e possível uso posterior daquela informação adquirida. Dependendo da forma de manifestação, a enunciação do discurso pode ser dividida em duas vertentes opostas: *textualizante* e *aforizante*. Na enunciação textualizante ocorrem as conversas, interações entre dois ou mais sujeitos, em que a construção da fala se dá pelos papéis dos indivíduos da ação, ocorrendo uma interação específica para aquela cena em questão, dependendo do que cada um representa nela. “Poderíamos também dizer que na textualização não nos relacionamos com Sujeitos, mas com facetas, aquelas que são pertinentes para a cena verbal, onde a responsabilidade de dizer é partilhada e negociada” (MAINGUENEAU, 2010, p. 13).

De maneira oposta, a enunciação aforizante não estaria destinada a pessoas específicas e sim a um público geral e universal. Maingueneau relata que o locutor exprime a si próprio no discurso, transformando-o em um monólogo. Na aforização não se pensa em respostas ou argumentos, já que não há interação direta com alguém específico. O foco é o que o enunciador pensa sobre o assunto escolhido, suas ideias, proposições, afirmações, ditas para quem quer que o discurso atinja.

A fala na aforização é destinada a um público não especificado, sem destinatário direto. Sem depender necessariamente de uma classificação de tipo e gênero do discurso, o centro da enunciação é o próprio locutor que emite a fala. Ele é ao mesmo tempo sujeito enunciador e sujeito que se responsabiliza pelo que emite em sua fala, respondendo por seus ideais, valores e princípios: ele é um *subjectum*¹¹. Pela tradição filosófica, *subjectum* é aquele que não sofre variações mesmo em diferentes contextos.

O “aforizador” assume o ethos do locutor que está no alto, do indivíduo autorizado, em contato com uma Fonte transcendente. Ele é considerado como aquele que enuncia *sua* verdade, que prescinde da negociação, que exprime uma totalidade vivida: seja uma doutrina ou uma concepção vaga da existência. (MAINGUENEAU, 2010, p. 14, grifo do autor)

Enunciações aforizantes são enunciações *destacadas*, enunciados que não entram nas sequências organizadas de frases e que também não dependem de um gênero de discurso específico (enunciações *presas*). As aforizações podem ser classificadas como primárias ou secundárias. Primárias quando se trata de algo destacado por natureza, como os provérbios e slogans famosos, e secundárias quando são destacadas de outro lugar, um texto, uma obra.

Luís XIV não disse “O Estado sou eu”, nem Martin Luther King, “Eu tenho um sonho”; foram terceiros que destacaram estes enunciados de um texto (uma conversa, um discurso) e os fizeram entrar em circulação. A fala do aforizador deve, assim, ser *retomada* para poder ser plenamente dita. (MAINGUENEAU, 2014b, p. 134, grifos do autor)

Um enunciado pode ser tirado de seu lugar original de repercussão por ser “destacável”, quando faz algum sentido dito sozinho. Esse fenômeno da enunciação aforizante, chamado de *sobreasseveração*, define justamente aquilo que se destaca de uma fala, resumindo uma ideia, um conceito, de maneira curta e fácil de ser repetida. Por exemplo, quando alguém vê uma manchete de uma reportagem ou falas do entrevistado destacadas entre aspas, chamando a atenção do leitor para que este leia a matéria, ele é levado a uma primeira interpretação do que aquilo quer dizer e de que tipo de conteúdo pode se esperar encontrar ali. Ao finalizar a leitura – inclusive encontrando ao longo dela o trecho retirado do texto e lendo em que contexto ele estava – pode-se perceber uma

¹¹No campo jurídico, se diz do sujeito de direito. Etimologicamente, *subjectum* é o que está por baixo, a base ou suporte.

possível mudança de sentido do que foi pensado primeiramente sem o apoio do texto completo.

Retomando o que foi dito anteriormente sobre a construção da cena de enunciação e seus elementos componentes, as aforizações ou enunciações destacadas trazem uma forma menos dialógica e mais monológica de discurso. Quando se há uma interação com outras pessoas dentro de um ambiente específico, espera-se certos padrões de comportamento dos participantes da conversa, dentro dos limites do que os temas tratados por elas sugerem. Em manifestações individuais, em que uma só pessoa discursa e não há interação com outros no momento da enunciação, ou destacando falas de um texto e dando-as um novo significado em contextos semelhantes ou não aos originais, as limitações da enunciação ficam por conta do que o locutor entende sobre aquele tópico e o que acha válido expor para quem receber o discurso.

As enunciações textualizante e aforizante não representam as duas possibilidades de uma alternativa, como se os locutores falassem ou por textualização ou por aforização. Toda aforização intervém em uma textualização: é uma encenação construída por outro locutor, um citador. [...] E não é o menor dos paradoxos que o texto seja ao mesmo tempo o lugar em que se constitui a aforização e aquilo que ela tem por natureza contestar. Desse ponto de vista, é o texto que fabrica o que o contesta. (MAINGUENEAU, 2010, p. 22-23)

Esses conceitos serão mobilizados na análise dos vídeos de Jout Jout, quando buscarei compreender os elementos da cena de enunciação que contribuem para construir a fachada e o ethos da youtuber.

4 ANÁLISE DO OBJETO

Neste capítulo, analisarei meu objeto de estudo, o canal Jout Jout Prazer, com base em dois eixos criados por Débora Gadret (2016) para investigar as qualidades estéticas da televisão. Em sua tese de doutorado¹², *A emoção na reportagem de televisão: as qualidades estéticas e a organização do enquadramento*, a autora queria ver como a emoção estava presente no discurso da reportagem do telejornal, e para isso estabeleceu um protocolo de análise da linguagem audiovisual. Vou trabalhar com esses dois eixos – a dimensão verbal e a dimensão audiovisual – de forma adaptada às características de meu objeto e aos objetivos da pesquisa, especialmente a compreensão dos elementos que constroem a representação de si da youtuber. Na dimensão verbal, observo especialmente o jeito de falar de Julia e as temáticas de seus vídeos. Na dimensão audiovisual, observo o cenário das gravações, a apresentação física de Julia, seus gestos corporais e as músicas de fundo.

Para selecionar os vídeos que comporiam o corpus da pesquisa, utilizei como critério o número de visualizações. Considerando que cinco seria um número suficiente para observar os elementos verbais e audiovisuais, e considerando que a diversidade de temáticas também era um critério importante, os vídeos que compõem o corpus são estes:

Quadro 1 - Vídeos que compõem o corpus da pesquisa

Texto	Título	Data de postagem	Visualizações (até 17/05/2018)
T1	A falta que a falta faz	20/02/2018	4.584.774
T2	Não tira o batom vermelho	26/02/2015	3.273.994
T3	9 coisas que vocês não sabem sobre nós	25/09/2014	1.665.448
T4	O que vivi no Tinder	16/12/2014	1.519.488
T5	Probleminha	28/01/2016	1.462.400

Fonte: A autora

Cada vídeo é considerado uma unidade de texto, recebendo a numeração de 1 a 5 (T1 a T5). No momento da construção do corpus, sete vídeos foram

¹²Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/143019>> Acesso em 5 de maio de 2018

descartados, mesmo estando entre os mais visualizados, porque não permitiam responder às questões de pesquisa ou eram redundantes. Dois eram vídeos de apresentação do canal (de menos de um minuto cada, feitos para rodar como propaganda antes de qualquer vídeo no YouTube) e dois eram vídeos de músicas que Jout Jout fez para os inscritos no canal. Foram desconsiderados também o vídeo *Vamos fazer um escândalo*, cuja temática é muito semelhante à do *Não tira o batom vermelho* (que possui mais visualizações); o vídeo *Então tá, Paola, foi ótimo*, em que Julia conversa com a *chef* de cozinha Paola Carosella; e o vídeo *2016 né, menina?*, em que anuncia o término de seu namoro com Caio.¹³

É oportuno lembrar o que Maingueneau (2004) define como cena de enunciação. No caso do canal Jout Jout Prazer, pode-se compreender que a *cena englobante* (tipo de discurso) seria o discurso midiático, a *cena genérica* (gênero ou subgênero discursivo) seria a videografia de si, e a *cenografia* seria constituída pelas dimensões verbal e audiovisual que serão objeto de análise a seguir.

Esta pesquisa trabalha com conceitos fundamentais da Análise do Discurso (AD) francesa, que serão mobilizados para compreender o funcionamento deste “discurso de si” – embora a youtuber esteja falando sobre “o mundo” ou sobre “o outro”, o que nos importa é entender como, nesse processo, ela representa a si mesma. O primeiro conceito fundamental deste dispositivo teórico é o dialogismo (BAKHTIN, 1986): a enunciação orienta-se para alguém, supõe alguém, constrói-se na expectativa de alguém. Para quem Jout Jout fala? A quem ela se dirige? Quem ela supõe estar interessado, ou preparado, ou disposto a vê-la e ouvi-la?

Na perspectiva da Análise do Discurso, não existe um sentido depositado “no texto”. Os sentidos estão propostos e latentes no texto, mas eles apenas se concretizam quando o interlocutor – no nosso caso, o espectador – entra em contato com esta materialidade discursiva e então produz sentidos, combinando suas capacidades e sua história como sujeito com aquilo que o texto traz. Tudo que fazemos, portanto, quando guiados por esse método, é mapear sentidos que

¹³Este último excluído por conta de ser uma exceção ao que se costuma ser publicado no canal de Julia. O vídeo possui pouco mais de 1min de duração e todo seu conteúdo (a notícia do término do namoro) é dito em frases escritas nos corpos de Julia e Caio.

estão propostos. Nesse processo, outro conceito da AD muito pertinente é o de paráfrase.

Todo discurso se faz na tensão entre o retorno ao mesmo e a tendência à ruptura. [...] Ao movimento da repetição dá-se o nome de *paráfrase*; ao movimento de deslocamento, abertura de sentidos, ruptura dos processos de significação, dá-se o nome de *polissemia*. [...] A figura da paráfrase é muito utilizada na pesquisa de AD porque permite mapear e analisar os sentidos hegemônicos de certos discursos. (BENETTI, 2016, p. 241-242, grifos da autora)

Como diz Orlandi (1998), a AD é um gesto de interpretação do pesquisador, norteado por seus objetivos e suas indagações. Nesta pesquisa, realiza-se uma análise de sentidos, segundo a categorização proposta por Benetti (2016)¹⁴, buscando compreender que sentidos sobre si mesma são construídos pela youtuber Julia. Na transcrição verbal, preservamos os eventuais erros de fala, típicos da fala coloquial. Quando necessário, destacamos em negrito os trechos mais significativos para o tópico que estiver em análise. Os trechos de fala de Julia são apresentados em corpo 10, com recuo, sempre seguidos da indicação do vídeo de onde foi extraído.

4.1 Dimensão verbal

O primeiro aspecto a compreender é a temática mobilizada pelo canal de Julia. Observa-se que não há uma especificidade de tema que o descreva de maneira geral. Conforme ela mesma escreve em sua página no YouTube, "eu só meio que vou falando e vocês meio que vão ouvindo e a gente meio que vai se amando"¹⁵. O Jout Jout Prazer é um canal de variedades, constituído de vídeos sobre temáticas diversas, das mais inusitadas às mais em pauta, que conversam com o público que o acompanha.

Os cinco escolhidos para análise são exemplos do quão variado é o universo da abordagem do canal. Frequentemente a youtuber é relacionada como produtora de conteúdo de viés mais feminista devido ao sucesso do vídeo *Não tira o batom vermelho* (T2) e outros que falam sobre sexualidade, menstruação,

¹⁴Benetti (2016) propõe quatro tipos de abordagens produtivas para a Análise do Discurso como metodologia: análise dos sentidos; análise dos sujeitos; análise do silenciamento; análise da estruturação do discurso.

¹⁵Disponível em <<https://www.youtube.com/user/joutjoutprazer/about>> Acesso em 12 de maio de 2018

abuso etc. "[...] a vlogger discute tabus como se fossem amenidades: de forma simples, objetiva e bem humorada. Acredita-se que Jout Jout atraiu um público feminino carente de representatividade na mídia ao abordar assuntos de debate socialmente reprimido" (FANTONI, 2016, online).

Dos vídeos destacados, *Não tira o batom vermelho* (T2) e *9 coisas que vocês não sabem sobre nós* (T3) seguem essa linha de temas que foram "destabilizados" por Julia. A propriedade para falar de tópicos como relacionamentos abusivos e curiosidades da intimidade feminina, respectivamente, não é tão maior do que o conhecimento do público que a assiste. Ela não se apresenta como especialista em nenhum momento, mostrando que a escolha por esse ou aquele tema vem de acontecimentos da própria vida fora da internet.

Esse vai ser um vídeo tenso de gravar, mas eu vou conseguir porque ele tem que existir. (T2)

Os vídeos, no geral, possuem títulos que quase nunca entregam de cara o que vamos encontrar por ali. Em *Probleminha* (T5), por exemplo, dificilmente um espectador iria imaginar que, pelo nome, o vídeo seria sobre Julia lidando com a própria indignação por gostar de músicas do Justin Bieber. Essa forma de nomear as produções gera curiosidade na audiência e surpreende pelo conteúdo que de fato trata. As temáticas, em geral, não são óbvias em um primeiro momento e com isso, conseguem surpreender um público que, talvez, possa estar cansado de encontrar vídeos parecidos diariamente na plataforma.

De acordo com Foucault, a confissão é um processo que permite que indivíduos constituam a si mesmos e determinem suas identidades. Nós somos o que confessamos. Isso ajuda a explicar porque somos tão fascinados por revelações pessoais em redes sociais como o YouTube. Os diários online do YouTube são sedutores e atraentes porque eles apresentam confissões que a audiência acredita que revelam a verdade e o nosso mais profundo eu. (STRANGELOVE, 2010, p. 81)¹⁶

É difícil imaginar um tópico que não se encaixe no canal. De certa forma, se estabeleceu uma espécie de "jeito Jout Jout" de fazer vídeos que funcionou

¹⁶No original: "According to Foucault, confession is a process that allows individuals to constitute themselves and determine their identities. We are what we confess. This helps to explain why we are so fascinated with personal revelation within social networks such as YouTube. YouTube's online diaries are seductive and appealing because they present confessions that the audience believes reveal the truth and our deepest selves."

para ela. Fugindo do óbvio do YouTube de hoje em dia (vídeos de desafios, pegadinhas e *clickbait*¹⁷ sem fim), ela se moldou em um formato de vlog que não ficou datado nem entediante. Assim como funcionava em 2014, funciona em 2018, apenas com mais profissionalismo da parte dela depois de um tempo.

Os temas abordados por Julia estão presentes em outros canais. Todavia, a forma como ela constrói a narrativa discursiva e esteticamente tornam seus relatos fluidos e atrativos. Ela aplica o verbo “destabilizar” para expressar a função de determinados vídeos. O discurso tem uma tônica coloquial forte, não parece seguir um roteiro definido [...] (LIMA; MARTINS, 2016, online)

O tom dado aos vídeos depende de Julia, que, mesmo abordando diferentes temas a cada postagem, mantém alguns padrões de comportamento e fala diante da câmera. Como apontado por Goffman (1985), nas relações cotidianas – e nesse caso, a internet é um ambiente de interação entre um comunicador e uma audiência – há uma espécie de atuação dos envolvidos, a construção de uma fachada, como explicado no capítulo anterior. Pela análise dos vídeos percebe-se que Julia se molda como alguém sem muitos pudores na hora de falar sobre assuntos às vezes considerados tabus.

Em *Não tira o batom vermelho* (T2), o tema são os relacionamentos abusivos, e a youtuber começa o vídeo falando sobre o que a levou a tratar da temática.

Eu estava conversando com uma mulher maravilhosa outro dia no Facebook. **A gente começou a falar de nossas experiências com relacionamentos abusivos que tivemos.** E a gente quase se abraçou, virtualmente, porque... [Jout Jout faz apenas sinais com as mãos que indicam a dimensão dos relatos e o quanto aquilo não cabia em palavras] E aí eu resolvi fazer um vídeo sobre relacionamentos abusivos **porque é uma coisa muito recorrente, mas geralmente você não sabe que você está num relacionamento abusivo.** (T2)

Ela vai citando exemplos que identificam um relacionamento abusivo que, segunda conta na publicação, foram tirados de uma conversa em um grupo do Facebook com outras mulheres. O nome do vídeo, inclusive, vem de um desses exemplos, em que uma mulher ouviu do então namorado que ela ficava com "cara de puta" usando um batom vermelho. Diversos autores já utilizaram o vídeo como objeto de análise e ajudam a explicar o modo de Julia conduzir um vídeo nessa

¹⁷Quando um produtor de conteúdo no YouTube coloca um título ou uma miniatura sensacionalista no vídeo para chamar a atenção do público e ganhar visualizações.

temática. O trabalho *Gênero e violência: o discurso no canal Jout Jout Prazer*, de Julia Machado¹⁸, traz aspectos do discurso da youtuber que estejam relacionados a questões de abuso, principalmente em relação às mulheres.

Jout Jout destaca em sua fala questões acerca das relações de poder e do sentimento de superioridade e inferioridade presentes nas relações. Ela enfatiza que o relacionamento abusivo se dá também quando um sujeito inferioriza outro, em busca de ocupar um lugar de segurança e superioridade. (MACHADO, 2017, p. 54)

O assunto em si é delicado, mas Jout Jout procurou trazer à tona questões que pudessem passar despercebidas através de um vídeo curto, bem-humorado e indo direto ao ponto. "Eu vou agora falar um pouco sobre relacionamentos abusivos. Vamos tentar fazer isso com um bom-humor? **Vamos!**", é a deixa de Julia antes de começar os exemplos. Esse *vamos*, dito por ela, é um chamado ao engajamento e funciona como uma espécie de resposta de uma plateia imaginária que poderia gostar da ideia de lidar com um tópico desses da maneira mais leve possível.

O discurso [de Jout Jout] tem uma tônica coloquial forte, não parece seguir um roteiro definido; erros e imprevistos são aproveitados e incorporados ao vídeo – esses editados com algum efeito que imprima humor ao trecho; suas falas são marcadas por gestos e expressões faciais exageradas, e os discursos não são apresentados de forma linear, podendo antecipar e repetir alguns trechos como forma de foco para o assunto e provocar efeitos de humor. (LIMA; MARTINS, 2016, online)

Tratando de questões mais amenas, mas ainda tabus, temos o vídeo *9 coisas que vocês não sabem sobre nós* (T3). Nele, o tema são curiosidades da intimidade feminina que ela conta diretamente aos homens. Com conteúdo escatológico, ela imprime naturalidade ao falar de tópicos indiscretos. Julia busca atrair o público mobilizando a curiosidade sobre que nove coisas são essas e se (no caso das mulheres) já passaram por aquilo.

Com falas como o trecho abaixo, Julia tenta criar uma identificação com as mulheres da audiência e se molda como uma espécie de amiga virtual:

Quando você está menstruada, e está sentada numa cadeira, e você cruza as pernas, nesse cruzar de pernas o seu útero e seu canal vaginal ficam numa disposição tal que **o fluxo desce todo**. Aí, você está no

¹⁸Trabalho de conclusão do curso de Jornalismo. Centro Universitário Franciscano. Santa Maria, 2017. Disponível em <<http://docplayer.com.br/71430258-Julia-de-oliveira-machado-genero-e-violencia-o-discurso-no-canal-jout-jout-prazer.html>> Acesso em 13 de maio de 2018

meio da sua “cruzação” de pernas e sente que **está descendo uma cachoeira de você**. Daí você fica parada, olhando pro nada, esperando toda aquela quentura descer. **Aí você fala: “vai vazar, vai vazar com certeza”**. (T3)

No vídeo *Probleminha* (T5) a autora continua usando experiências, suas e de conhecidos, como recurso narrativo, mas o tema é diferente: o “espantoso” fato de gostar de algumas músicas do cantor Justin Bieber. De forma cômica, Julia traz comentários como "Caio esses dias falou assim: 'Julia, passei a manhã ouvindo a mesma música quinze vezes em looping.' Aí eu falei: 'que é isso, Caião?' E ele falou: 'uma música do Justin Bieber'". Assim, em tom confessional, ela prossegue o vídeo, comentando sobre a própria indignação de também começar a gostar de músicas do cantor, sugerindo, de maneira irônica, que está com um problema.

Porque o que eu aprendi, o que eu cresci aprendendo? Você não gosta de Justin Bieber. Não é uma coisa que você gosta, o Justin Bieber. É uma coisa que você não gosta. Você fala “não gosto de Justin Bieber, não gosto de Paulo Coelho, não gosto de Romero Britto, não gosto de Jorge Vercillo”. Você não escuta para falar que não gosta, você aprende: “ó, não é para gostar desses elementos”. (T5)

Como quem está indo na contramão de gostos considerados aceitáveis, ela admite a indignação inicial de descobrir que seu namorado anda ouvindo Justin Bieber antes dela mesma perceber que gostava dele também. "Aí vem Caio falar que gosta de música do Justin Bieber, aí cê fala 'Caio, me economiza'", em tom de deboche. Com falas direcionadas ao público e a Caio, que está por trás da câmera, ela aponta como a própria geração cresceu com o costume de falar mal daquilo que faz sucesso, sem nem mesmo conhecer o trabalho do artista.

Seu discurso se molda com pitadas de um humor irônico na maioria dos vídeos. Em *O que vivi no Tinder* (T4), o tema são os relacionamentos em redes sociais. Julia começa o vídeo falando das sugestões que o público havia dado como tema – o aplicativo de encontros Tinder ou as diferenças entre chocotone e panetone, já que era próximo do Natal. Ela conta que perdeu o vídeo sobre chocotone e panetone, com exceção de um pequeno trecho, então publicou o que sobrou e o restante sobre o Tinder. Logo no início, diz:

Esse aqui [panetone] tem **frutas cristalizadas** que, aparentemente, é a **coisa mais odiada no mundo depois de Romero Britto**. (T4)

Como exemplo de seu tipo de humor, Jout Jout utiliza aqui de um conhecimento de opiniões populares a respeito do panetone e do artista plástico Romero Britto. Diversas piadas são feitas anualmente em postagens na internet na época natalina sobre a aversão de certas pessoas a uvas passas e frutas cristalizadas nas comidas, e, da mesma forma, piadas a respeito do tipo de obra produzida pelo artista pernambucano são reproduzidas na rede¹⁹. Como o público da internet e das redes sociais, em geral, compartilha o mesmo tipo de conhecimento da youtuber – são jovens adultos, comentam nos vídeos sobre como se identificaram com o assunto, dão risada de alguns trechos –, as piadas fazem sentido. "Para que a ironia se faça legível, é necessário que os dois sujeitos dominem o mesmo escopo de informações ou os mesmos mapas culturais" (BENETTI, 2007, online).

O tom irônico continua quando Julia se aventura observando perfis de homens no aplicativo Tinder, traçando comentários engraçados ou sarcásticos sobre eles. É possível ver reações espontâneas de Julia, mesmo com os cortes do vídeo, pois dependiam dos rapazes que encontrava enquanto gravava o vídeo. Não se trata de um tutorial com dicas de como se dar bem no aplicativo e, sim, de um divertimento para quem assiste – que se identificou com as considerações dela sobre os homens que surgiam, a julgar pelo número de visualizações e comentários no vídeo.²⁰

Bastão de selfie numa mão, longneck na outra. **Tem que dar like.** (T4)

Gabriel mergulha, leva trote, usa chapéu com os amigos. **Gabriel tem 5 dedos.** (T4)

Os comentários soam como as primeiras impressões que teríamos ao ver fotos de um possível interesse amoroso ou simplesmente de uma pessoa que não conhecemos. Essas falas espontâneas trazem ao público uma noção de que aquela pessoa do vídeo não parece distante da realidade de quem assiste. "Jackson cagou para mim. Pedro também", comenta Julia no final do vídeo. Por ter uma natureza monologal e não direcionado a um único tipo de espectador específico, pode-se conferir ao discurso de Jout Jout uma relação com o conceito

¹⁹Diversos exemplos da aversão a Romero Britto podem ser encontrados na internet. Reportagem da Folha de São Paulo, de 2015, fala sobre o assunto: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/05/1623971-representantes-das-artes-tentam-explicar-a-rejeicao-de-romero-britto.shtml>> Acesso em 14 de maio de 2018

²⁰Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=_67ryrXkxrQ> Acesso em 14 de maio de 2018

de enunciação aforizante trazido no capítulo 3. O enunciado é centrado no indivíduo que se expressa - no caso, Julia - e destinado a um público universal, onde a forma de dizer é pura, quase próxima de uma consciência. "Na aforização, o enunciado pretende exprimir o pensamento de seu locutor, aquém de qualquer jogo de linguagem: nem resposta, nem argumentação, nem narração, mas pensamento, dito, tese, proposição, afirmação soberana" (MAINGUENEAU, 2010, p. 14).

No mais recente vídeo de sucesso do canal, e o mais visualizado até este momento²¹, *A falta que a falta faz* (T1), Julia faz o que já havia feito antes, que é comentar sobre algum livro de que tenha gostado. Como a youtuber não se propõe a ser uma resenhista de livros, os comentários são livres de qualquer termo mais técnico. O livro em questão é chamado *A parte que falta*, do autor Shel Silverstein, de 1976, mas publicado em 2018 no Brasil pela Companhia das Letrinhas, editora de livros infantis. No vídeo, Jout Jout lê e mostra as páginas da obra para a câmera, já que o livro conta com ilustrações.

A história trata de um ser circular, que segue uma jornada em busca da parte que está faltando em si para que fique completo. De um jeito simples, ela lê e faz comentários conforme a história segue.

“E como lhe faltava uma parte, não conseguia rolar muito rápido. Assim, podia parar para conversar com uma minhoca. Ou sentir o aroma de uma flor. Às vezes, ultrapassava um besouro.” **Tá dando para ver o besouro? Tá dando para ver as coisas?** [comenta para Caio, que está gravando o vídeo] “E às vezes, o besouro o ultrapassava.” **Né? Às vezes um besouro te ultrapassa.** (T1)

Desse jeito, com leitura e comentários, ela continua. É perceptível que Julia altera um pouco a entonação da voz em alguns momentos, como quem realmente está contando uma história a alguém. "Passava por pântanos e matagais. Rolava montanhas acima, montanhas abaixo", diz, primeiro em tom crescente e depois decrescente, criando uma atmosfera que entretém o espectador, sem ficar monótono.

A história fala de insatisfação com o que se tem e a eterna busca por algo que nos complete, seja na área que for. Por se tratar de um tema universal, a

²¹Junho de 2018

identificação do público foi grande. Quando o vídeo viralizou, ela mesma se surpreendeu com o fato. "As pessoas na rua estão me chamando de 'a menina do livro'. Que que aconteceu? Até outro dia eu era a menina do batom vermelho, agora eu sou a menina do livro", contou em uma publicação.²² Pelos comentários do vídeo, o que conquistou tantas pessoas para além do número de inscritos no canal foi a simplicidade do livro em si e a forma natural com que ela trouxe à tona uma questão que aflige muitas pessoas: não saber lidar com a falta, seja ela qual for. No final, Julia comenta sobre uma conversa com seu antigo psicólogo a respeito de como lidava com as faltas da vida.

Ele falava que **eu tinha um problema com a falta**, porque sempre tinha um buraco vazio, que **eu tinha que tapar todos os buracos. E aí você não tapa os buracos**. Dito que você é um ser humano, você tem que saber lidar com as faltas. Sempre falta alguma coisa. Alguma hora vai faltar, sabe? (T1)

Finalizando o vídeo com um relato pessoal, ela novamente se inclui em questões que afetam muitas pessoas e se torna próxima do público que a acompanha. Se dirigindo diretamente ao espectador, Julia se mantém próxima ao público também em *Não tira o batom vermelho* (T2), ao terminar os exemplos de situações que tornam um relacionamento abusivo e concluindo seu raciocínio. Novamente, há ironia na fala dela no segundo trecho destacado, em que sugere um tipo de pensamento contrário ao que veio falando ao longo do vídeo, apenas para reforçar a ideia de que aquilo é absurdo.

Então, por favor, **se você conhece alguém que está aí num relacionamento abusivo, avisa essa pessoa** porque essa pessoa não sabe ou está em negação. Geralmente é assim que a gente fica quando estamos sofrendo coisas, porque **a gente fica achando que merece aquele sofrimento porque nós somos vadias, suja e estúpidas, que merecem sofrer para aprender a valorizar um homem de verdade**. Então, avisa ela que isso não é verdade, não precisa de nada disso. (T2).

Jout Jout se inclui nos temas tratados, pois quase sempre a ideia de falar sobre eles surgiu de algo que ela mesma vivenciou. Em *A falta que a falta faz* (T1), ela se mostra vulnerável em um trecho da leitura do livro.

"Encaixou! Encaixou com perfeição. Finalmente, finalmente!" **Olha isso**. "Rolou para longe e, por estar completo, rolou mais e mais rápido do que jamais rolara. Tão rápido que não podia parar para conversar com uma minhoca. Ou sentir o aroma de uma flor. Rápido demais para que a

²²Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=4LNS66iyowU>> Acesso em 14 de maio de 2018

borboleta pousasse nele." **Sério...vontade de chorar.** "Mas ele podia cantar sua canção..." **pera aí, preciso de um tempo** [enquanto ri e chora]. (T1)

O choro diante da câmera – inédito, segundo ela – apenas reforça a posição de Julia como alguém que procura ser sincera com o público, sem tampouco ficar constrangedor para ela e para quem assiste, pois a cena ocorre com humor por parte dela e de Caio, que está por trás da câmera. "Imagina se fosse uma professora lendo para as crianças", comenta ele enquanto ambos riem.

Já em *9 coisas que vocês não sabem sobre nós* (T3), enquanto conta ao espectador sobre intimidades femininas – principalmente aos homens que a assistem –, em um trecho do vídeo Julia divide com a audiência questões referentes à depilação íntima. O tópico poderia ser motivo de constrangimento, mas pela maneira como ela comenta os fatos com naturalidade e, novamente, senso de humor, o espectador acaba se divertindo com a história um tanto quanto dolorida que relata.

Quando uma mulher vai fazer depilação na virilha ela tem três opções: Ou ela usa uma calcinha descartável, que vai ser eliminada depois que ela fizer a depilação; ou ela fica sem calcinha porque foda-se, você já tem intimidade com a sua depiladora, ela já viu mais que o seu namorado; e opção três, que é você usar a calcinha que você *tá* só que com um trocinho amarrado nela, para ela ficar assim [estreita] e dá para ver os pelos e depilar. **Nessa opção, a cera sempre fica grudada um pouquinho ali na calcinha, é inevitável.** Aí, quando você desamarra a calcinha e vai embora dali, chega em casa e arranca a calcinha...**Você tá ainda sensível da depilação, e aí você tira a calcinha e aquelas ceras grudaram em alguns pelos que restaram ali. Você vai tirar de uma vez e ela prende, e aí você fica** [Julia faz uma careta]. (T3)

Analisando a dimensão verbal dos vídeos do canal, percebe-se então que Julia se constrói como uma pessoa contemporânea, capaz de tratar de temáticas polêmicas, controversas e às vezes tidas como tabus; uma pessoa que se dirige diretamente ao público; bem-humorada, irônica e inteligente; alguém que expõe suas próprias fraquezas e limites.

4.2 Dimensão audiovisual

Além das temáticas dos vídeos e das falas de Julia, elementos audiovisuais também ajudam a compor a atmosfera do canal. Entre eles estão o cenário dos

vídeos, o figurino e a aparência física de Julia, seus gestos e expressões faciais, e a música de fundo. Em conjunto, eles dão forma à mensagem de Jout Jout dentro das temáticas já relatadas. Como a intenção dela, aparentemente, é algo que faça a audiência se sentir próxima do que vê, a aparência física de quem fala e o local utilizado para gravação trazem consigo essa ideia de proximidade logo de cara, mesmo sem ouvir o que a pessoa tem a dizer - e, inclusive, incentivando ou não a pessoa que assiste a continuar vendo o vídeo em questão.

A vida da pessoa comum torna-se mais crível dentro de cenários que remetam à intimidade, como elementos indexadores da vida real que é ali uma apresentação ou, no termo apontado por Sibília (2008), uma “ancoragem no real”. Nas videografias de si, cabe a incorporação do improviso – esse não só como um elemento cenográfico, mas como um elemento discursivo, na construção da narrativa. (LIMA; MARTINS, 2016, online)

4.2.1 Cenário

O canal não possui cenário de gravações fixo. Muitas vezes se repete o mesmo local, mas há uma mudança constante. A noção de intimidade é reforçada nesse tópico devido ao cenário ser sempre a casa de Julia, salvo algumas exceções. Nos vídeos analisados, o padrão é esse, sendo alterados apenas os cômodos das gravações.

Em T2, Jout Jout grava em sua sala, com janela ampla ao fundo, parede de tijolos aparentes e um sofá preto, como mostra a figura 1.

Figura 1 – Sala de casa



Fonte: Canal Jout Jout Prazer

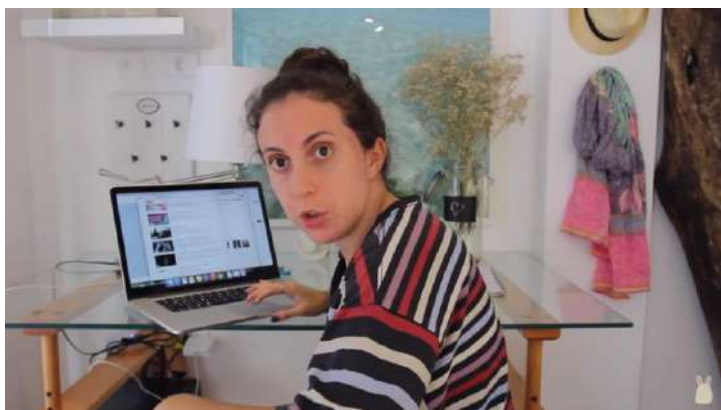
Aqui, ela se encontra de pé e se movimentando um pouco, mas sem sair do enquadramento. A escolha de Julia em gravar na sala de sua casa lhe permite ser espontânea, vestir-se da maneira que achar mais confortável e levar o tempo que precisar para fazer o vídeo. Retomando os conceitos trazidos por Maingueneau no capítulo 3, Julia constrói a própria cena da enunciação assim como a cena é construída conforme Julia se comporta diante da câmera, conforme o *ethos* se manifesta. A intenção por trás de *Não tira o batom vermelho* é trazer um alerta sobre situações dentro de um relacionamento que às vezes passam despercebidas, mas que podem indicar abuso. Sem causar distrações a quem assiste, o cenário ajuda a compor o visual de algo familiar, caseiro, sem passar a imagem de que a youtuber é uma especialista sobre o assunto e sim, alguém que poderia ser uma colega, conhecida, amiga falando através da câmera.

As ideias suscitam a adesão do leitor por meio de uma *maneira de dizer* que é também uma *maneira de ser*. Tomado pela leitura de um *ethos* envolvente e invisível, participa-se do mundo configurado pela enunciação, acede-se a uma identidade de certa forma encarnada. O poder de persuasão de um discurso decorre em parte do fato de que ele leva o destinatário a identificar-se com o movimento de um corpo, por mais esquemático que seja, investido de valores historicamente especificados. (MAINGUENEAU, 2008, p. 72, grifos do autor)

Em T5, percebe-se uma composição diferente. Julia se encontra no que parece ser um escritório, com mesa de vidro, parede branca ao fundo, alguns fios aparecendo, uma planta e um laptop em cima da mesa, e uma echarpe e um

chapéu pendurados ao lado. O vídeo se propõe a comentar sobre uma música do cantor Justin Bieber, e Julia mostra ao público o clipe pela tela do seu computador.

Figura 2 – Escritório de casa



Fonte: Canal Jout Jout Prazer

Ela faz uso do laptop para ilustrar a quem a assiste, com a música e o clipe, os motivos que a fazem gostar de ambos. A sensação que se pode ter é parecida com a de uma pessoa que estava trabalhando em casa ou de bobeira no computador, parou o que estava fazendo e chamou um amigo para mostrar e comentar algo com ele. Ela, de certa forma, convida o público do seu canal a participar desse dito “problema”.

Dos cinco vídeos, o único gravado fora de sua casa é T4. Julia estava em Brasília, ao que parece na casa de parentes ou amigos, pois Caio é de Brasília. O trecho sobre panetone e chocotone (figura 3) foi gravado em um quintal, com diversas plantas e parede de cor neutra no fundo, uma mesa pequena e uma cadeira de madeira, além do chocotone e panetone que pretendia analisar. Tirando essa parte do vídeo, todo o resto é gravado dentro de um quarto (figura 4). Julia está sentada em uma cama, há uma janela aberta com cortinas brancas e parede também branca no fundo da imagem.

Figura 3 – Quintal em casa de amigos



Fonte: Canal Jout Jout Prazer

Figura 4 – Quarto em casa de amigos



Fonte: Canal Jout Jout Prazer

Na figura 4, o ambiente talvez seja o quarto em que ela estava hospedada e, portanto, teria mais liberdade de uso. Por não ser a própria casa, o vídeo traz o ar de "gravei no lugar que deu", pois o que prevalece é o conteúdo em si.

Gravado também em um quarto, dessa vez no de Julia mesmo, é o T3. O vídeo fala de assuntos ligados à intimidade feminina, e o fato de ser gravado em um quarto, com Julia sentada no chão ao lado da cama, contribui com a noção de proximidade entre locutor e interlocutor, como se fosse, novamente, uma conversa entre amigos.

No caso das confissões em vídeo, a presença virtual de um parceiro - o "outro" imaginado pela tecnologia - se mostrou um facilitador de emoção mais poderoso do que interlocutores de carne e osso. A audiência do YouTube age como um parceiro virtual, um amigo imaginário, o que gera um impulso poderoso para confessar. (STRANGELOVE, 2010, p. 72)²³

Figura 5 – Quarto de casa



Fonte: Canal Jout Jout Prazer

Já o vídeo mais visto do canal, T1, foi gravado na cozinha. Julia se apresenta sentada diante da mesa, uma porta amarela é vista atrás dela, uma geladeira à direita e utensílios de cozinha à esquerda – um local já bastante utilizado em vídeos recentes do canal. A troca frequente de cômodos causa em quem assiste a impressão de ser conhecido de Julia. "Essa escolha de locação também endossa a ideia de intimidade, representando o espaço familiar, como se o espectador conhecesse a casa dela" (LIMA; MARTINS, 2016, online).

²³No original: "In the case of video confessions, the virtual presence of a partner – the imagined other effectuated by the technology – turns out to be a more powerful facilitator of emotion than flesh-and-blood interlocutors.' The YouTube audience acts as a virtual partner, an imagined friend, which generates a powerful impulse to confess."

Figura 6 – Cozinha de casa



Fonte: Canal Jout Jout Prazer

Todos os vídeos analisados foram gravados dentro de casa e, com a exceção de T3, por ser o mais antigo dos cinco, contam com uma vinheta de abertura (figura 7).

Figura 7–Vinheta



Fonte: Canal Jout Jout Prazer

A tela preta com os dizeres *Jout Jout Prazer* em branco surge sempre no começo do vídeo, logo depois de algumas poucas palavras de Julia sobre o que irá tratar, com uma música que diz "Jout" quatro vezes. Ao final de cada vídeo, novamente, sem contar T3, há uma música de fechamento dizendo "Jout" repetidamente, de maneira suave e discreta, tocando no fundo enquanto Julia faz

algumas considerações finais. Esses elementos ajudam a criar identidade para o canal, e o espectador assíduo já espera que as músicas toquem no momento em que devem tocar.

Além das vinhetas originais do canal, Jout Jout ainda inclui em seus vídeos músicas de fundo. São *jingles* prontos, encontrados em computadores da Apple – segundo ela, as músicas são disponibilizadas pelo editor de vídeos da marca, o iMovie, como mostrou em um vídeo antigo do canal²⁴. Em T2 e T5 a música utilizada é a mesma, mesmo sendo vídeos de temáticas completamente diferentes. É uma trilha alegre, servindo como suavizador da temática de *Não tira o batom vermelho*, e um simples fundo que acompanha a ironia e o humor de *Probleminha*.

Em T4, a música é outra, mas segue o tom alegre das anteriores, com um ar de música de época. Os relatos em si já são engraçados, então a trilha surge como um complemento, dando ritmo ao vídeo e entretendo o público que se diverte com os comentários de Julia sobre os rapazes do Tinder.

Seguindo uma linha um pouco diferente, na trilha de T3 percebe-se sons de saxofone e piano, algo como um jazz suave. O vídeo, repleto de informações íntimas femininas, ganha um ar cômico com a música. Há um contraste entre a normalidade e lugar comum da "trilha de elevador" do vídeo e as curiosidades escatológicas comentadas pela youtuber.

Em T1, a trilha fica um pouco mais imperceptível. O vídeo, apesar de ter momentos engraçados como em todos os vídeos do canal, por si só pode deixar quem assiste – assim como deixou Julia – mais emotivo pela subjetividade do tema. A música que se ouve ao fundo é delicada, tranquila, talvez até um pouco triste, se pensarmos no padrão de trilhas já citadas. O espectador talvez nem perceba a presença dela no vídeo, de tão discreta que é. O tom melancólico da música parece estar ali para acompanhar a história contada, guiando quem assiste a ter uma reflexão sobre o que é dito.

²⁴Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=U63ZFGxKR-c>> O vídeo não faz parte da análise, mas mostra de onde vieram (no caso o iMovie) as músicas frequentemente usadas por Julia em quase todos os outros vídeos do canal, incluindo os cinco escolhidos para este trabalho. Acesso em 15 de maio de 2018

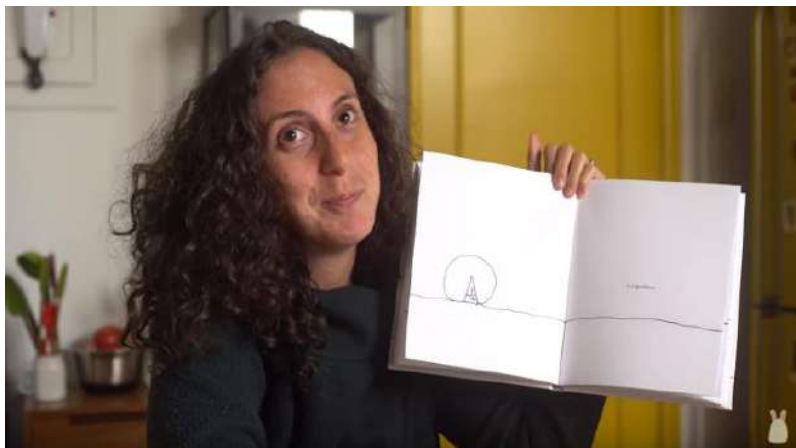
Pela análise dos vídeos, a construção da identidade visual do canal não destoa das temáticas e da forma de Julia falar. Desde o local das gravações até elementos adicionais na edição, o discurso de Jout Jout se consolida pela coerência entre o que é dito e o que é visto. Quem se ouve e quem se vê em vídeo parece ser aquilo por trás das câmeras também. O cenário configura-se, assim, como parte fundamental da construção da fachada, reforçando uma representação de si espontânea, íntima e acessível.

4.2.2 Aparência

Assim como o cenário, o modo como Julia se apresenta diante da câmera influencia na construção de seu discurso. O cabelo, as roupas e a maquiagem são elementos componentes da fachada pessoal que ela mantém nas interações com seu público. Algumas convenções de como devemos nos apresentar são esperadas em ambientes mais formais, como o trabalho ou um jantar chique. Na internet, e nesse caso no YouTube, onde Jout Jout se expõe, não há um protocolo a ser seguido. Mesmo assim, ela conta com características que a distinguem de outras youtubers femininas da plataforma.

Na análise dos vídeos, observaram-se alguns padrões: o cabelo de Julia está quase sempre solto – exceto em T5, que está em um coque –, com comprimento médio e cachos; ausência de maquiagem, ou pelo menos tão pouca que ficou imperceptível; acessórios discretos como anéis, pulseiras e colar. As roupas mudam de um vídeo para outro, porém seguem um estilo parecido: confortáveis, às vezes com estampas, e geralmente em cores neutras.

Figura 8 – Cabelos cacheados



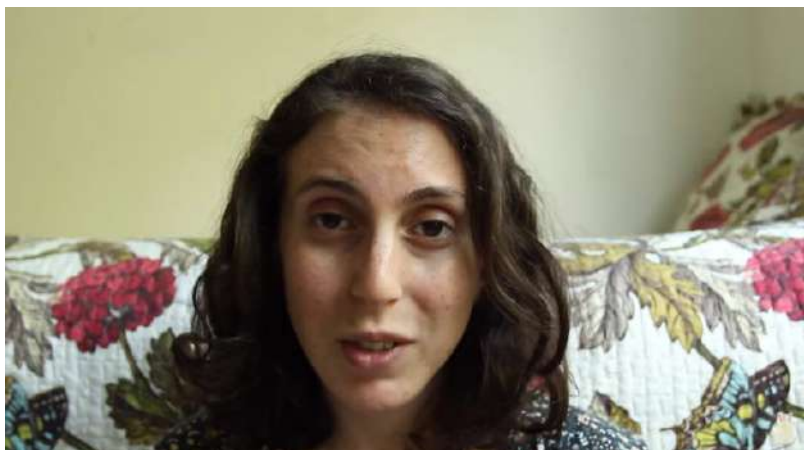
Fonte: Canal Jout Jout Prazer

Figura 9 – Maquiagem imperceptível



Fonte: Canal Jout Jout Prazer

Figura 10 – Cabelos soltos



Fonte: Canal Jout Jout Prazer

Figura 11 – Poucos acessórios



Fonte Canal Jout Jout Prazer

Figura 12 – Roupa confortável



Fonte Canal Jout Jout Prazer

Ela confere à sua imagem a mesma naturalidade percebida em seu jeito de falar. Julia faz sucesso sendo, ou pelo menos aparentando ser, alguém comum. Ela constrói uma imagem de sinceridade ao imprimir uma fachada despojada, cujas características físicas condizem com as ações dela em frente a câmera e com seu discurso verbal. A aparência pode sugerir informações sobre uma pessoa sem nem mesmo ela ter falado nada. Como apontado por Goffman (1985, p. 11): "A informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar".

A construção desse estilo despojado reforça a ideia, para quem assiste, de pertencimento àquele mundo da internet, que às vezes pode aparentar ser repleto de personagens perfeitos. Se o mundo das celebridades da TV e de Hollywood eram antes os únicos lugares onde o verdadeiro, o “normal”, davam espaço ao fabricado, atualmente a internet pode entrar nesse grupo de ficção também. Quando se percebeu que vídeos caseiros poderiam servir como entretenimento de estranhos, o formato das produções mudou para se adaptar às demandas do público da internet. Fazer vídeos que mantenham um canal sendo relevante no YouTube exige tempo, dedicação e técnica. Se há 10 anos o amadorismo era regra, agora as produções competem com o cinema e a TV.

Quando mostramos um vídeo filmado sem técnica e sem modificações na nossa aparência a um familiar ou amigo, tendemos a não nos importar tanto com o que irão pensar a nosso respeito quanto se o mostrássemos a um desconhecido – ainda mais se o desconhecido for qualquer um com acesso à internet, podendo falar o que quiser a qualquer hora. Jout Jout, ainda mais sendo mulher, provoca questionamentos sobre o que se imagina ser e parecer um youtuber, ou qualquer outro influenciador digital, hoje em dia. Seu canal possui quase 2 milhões de inscritos, e ela se apresenta para a audiência do mesmo jeito que as pessoas no geral se sentiriam confortáveis se estivessem sozinhas, com o namorado, a família ou amigos. Sem muitas preocupações sobre como está o cabelo, se a roupa é a mais nova e mais bonita do armário, e se a maquiagem cobre o que julga ser preciso esconder, ela se assemelha ao público e constrói a impressão de que qualquer um poderia estar em seu lugar.

O que é apresentado não possui maquiagens, equipamentos de iluminação ou instrumentos para uma fabricação mais elaborada. O espectador a vê como ela “é”. Tal ação reforça o processo de identificação com o relato de vida ali apresentado: o espectador poderia ter vivido aquela história, poderia ter agido como ela. Além disso, reforçado nessa estética mais voltada para o amadorismo, o espectador percebe que ele poderia produzir aquele vídeo e, assim, aquela narrativa fala de uma maneira mais direta e afetiva com ele. (LIMA; MARTINS, 2016, online)

Certamente as roupas “normais”, o cabelo natural e a pouca importância dada à maquiagem são recursos utilizados por Julia para estabelecer uma relação empática com a audiência, gerando uma imagem de autenticidade, sinceridade e credibilidade.

4.2.3 Gestos e expressões faciais

Pela observação dos vídeos, é perceptível o quão expressiva Jout Jout é. Sua enunciação ganha originalidade com os movimentos das mãos e expressões faciais marcantes que acompanham o ritmo da fala. Julia consegue demonstrar emoções e intenções com o corpo, dando intensidade e um efeito de veracidade ao que diz.

As imagens abaixo representam momentos distintos de T1, em que a youtuber demonstra diferentes movimentações físicas.

Figura 13 – Espanto



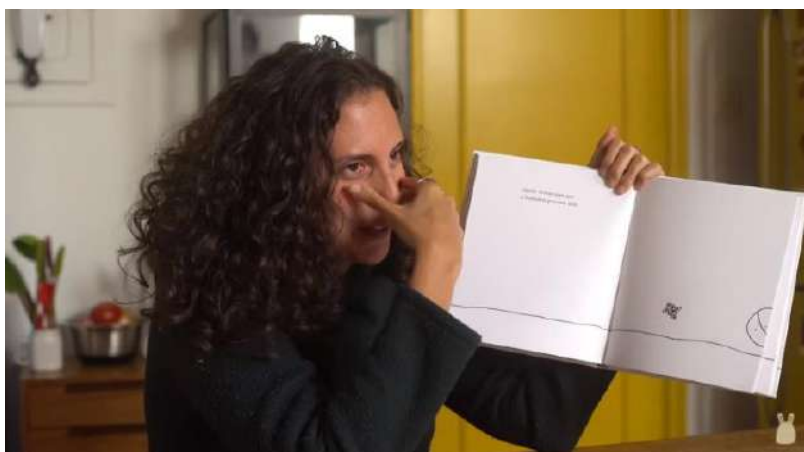
Fonte: Canal Jout Jout Prazer

Figura 14 – Encantamento



Fonte: Canal Jout Jout Prazer

Figura 15 – Choro



Fonte: Canal Jout Jout Prazer

Figura 16 – Excitação



Fonte: Canal Jout Jout Prazer

Na figura 13, Julia brinca com Caio por ele, segunda ela, estar chocada com o rumo da história contada.

Caio tá tenso. Vocês não estão vendo mas Caio *tá* ali, **ele tá assim ó:** [ela arregala os olhos e leva uma mão à testa] (T1)

As figuras 14 e 15 mostram as reações de Julia enquanto narra a trajetória do personagem do livro. Na primeira, ela conta que o personagem encontra várias "partes" que julgava serem boas, mas que tinham algum defeito de encaixe. Na segunda, o registro do momento em que chora um pouco enquanto lê.

"Achou uma outra parte! Só que ela era muito pequena." **Tá vendo? Muito pequena.** (T1, figura 14)

No fim do vídeo, Jout Jout conta do momento em que foi ao psicólogo, e ele comentou que ela tinha um problema com a falta e a necessidade de cobrir todos os buracos que ela representava. Na imagem (figura 16), Julia faz gestos com as mãos, mostrando os buracos imaginários que achava que precisava tampar.

Em T2, fica visível nas expressões de Julia a ironia presente em sua fala (figuras 17, 18 e 19).

Figura 17 – Estranheza



Fonte: Canal Jout Jout Prazer

Figura 18 – Ironia



Fonte: Canal Jout Jout Prazer

Figura 19 – Ironia



Fonte: Canal Jout Jout Prazer

Pela primeira foto (figura 17), ela aparece com um olhar que aparenta ser, ao mesmo tempo, de alerta para quem sofre o abuso no relacionamento, e de julgamento, em relação a quem pratica o abuso.

Este sujeito está te **impedindo de sair com seus amigos?** Ou está te **colocando contra os seus amigos e os seus familiares?** (T2)

Nas imagens seguintes, Julia expressa, com mão na cintura e caretas, o quão absurdas são as afirmações que faz. O corpo acompanha a ironia da voz dela de maneira que fortalece o argumento.

[Você pensa que] **Se você terminar com ele**, você está condenada a uma vida solitária porque **ninguém vai querer você.** (T2, figura 18)

Às vezes **você se dá conta de que tá errado aquilo**, e aí você fala "acho que vou sair desse namoro aqui". Mas aí você fala "poxa, mas **nós temos uma história tão linda, pra quê desperdiçar?** Eu vou jogar fora anos de relacionamento **por uma coisinha boba dessa?**" (T2, figura 19)

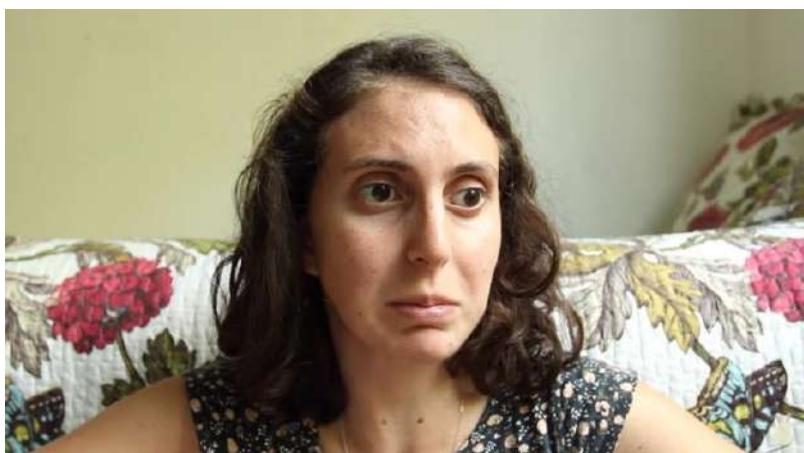
De modo mais cômico, Jout Jout demonstra as dores da depilação e preocupações com a menstruação em T3 (figuras 20, 21 e 22. As duas primeiras imagens mostram Julia explicando a dor que pode acontecer após a depilação íntima – ao usar o banheiro e sentir que a calcinha grudou em alguns pelos que restaram – enquanto tenta expressar o tópico com gestos.

Figura 20 – Ansiedade



Fonte: Canal Jout Jout Prazer

Figura 21 – Medo

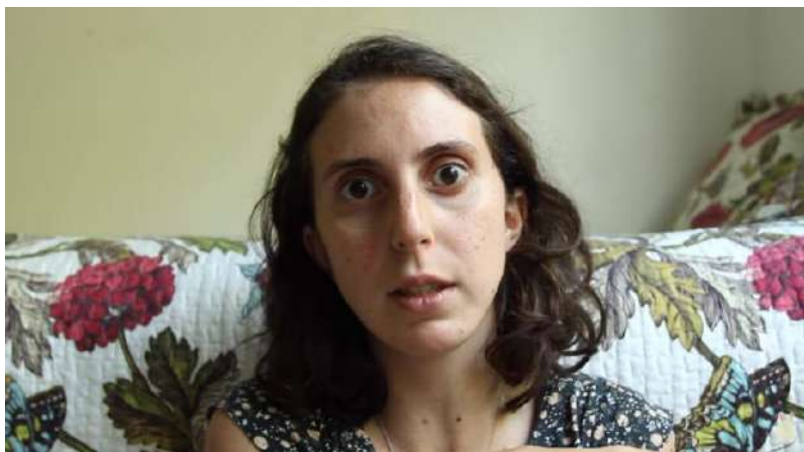


Fonte: Canal Jout Jout Prazer

Aí, quando você desamarra a calcinha e vai embora dali, chega em casa e arranca a calcinha...**Você tá ainda sensível da depilação, e aí você tira a calcinha e aquelas ceras grudaram em alguns pelos que restaram ali. Você vai tirar de uma vez e ela prende, e aí você fica** [Julia faz cara de dor]. (T3, figura 21)

Quando comenta sobre cruzar as pernas enquanto está menstruada, ela tenta transmitir a sensação incômoda do sangue descendo enquanto mexe as pernas, fazendo uma cara chocada (figura 22), o que, por si só, já deixa subentendido que a situação é desconfortável mesmo sem explicação adicional.

Figura 22 – Pavor

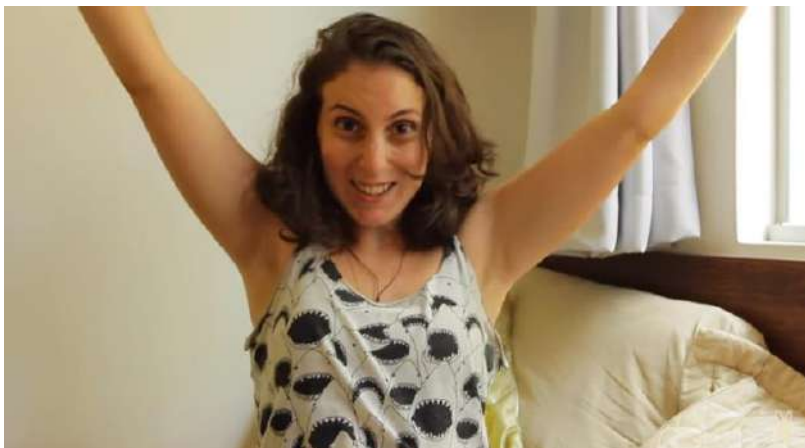


Fonte: Canal Jout Jout Prazer

O vídeo de Jout Jout é permeado por momentos em que a vlogger se utiliza de expressões faciais, silêncios e pausas propositais; algo como deixar a informação nas entrelinhas: sabemos o que Jout Jout quer dizer e, então, algumas palavras não se fazem necessárias. (FANTONI, 2015, online)

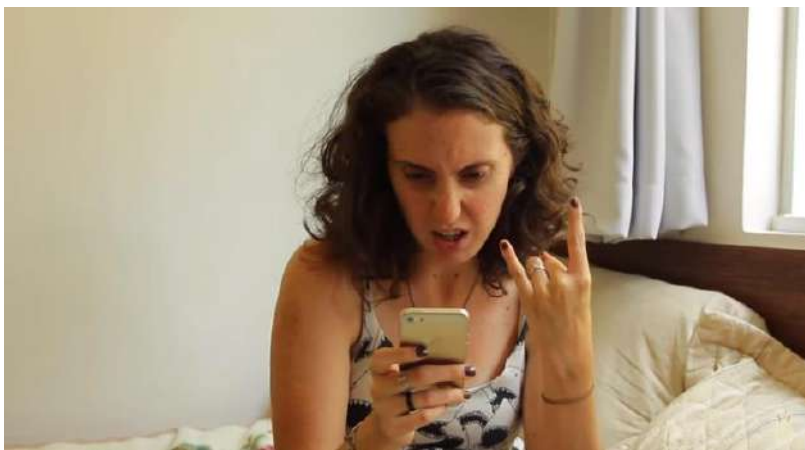
Entre as considerações que fazia sobre os homens que apareciam no Tinder (T4), Julia completava o vídeo fazendo movimentos com o rosto, as mãos e os braços. Sua linguagem corporal deixa visualmente clara a intenção do comentário feito naquele momento (figuras 23, 24 e 25).

Figura 23 – Excitação



Fonte: Canal Jout Jout Prazer

Figura 24 – Confusão



Fonte: Canal Jout Jout Prazer

Figura 25 – Diversão



Fonte: Canal Jout Jout Prazer

Logo no começo do vídeo, Julia recebe um *match*²⁵ com um rapaz e mostra aos espectadores a empolgação com a novidade (figura 23).

É bonitinho, aqui, o Jackson...*it's a match!* **Jacksooon, vamos conversaaar!** (T4)

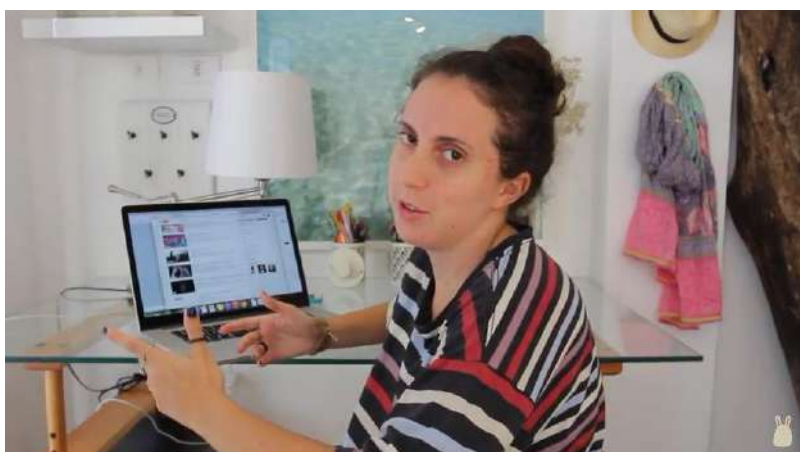
Na sequência, continua vendo diversos perfis e, às vezes, ilustrando o que diz (figuras 24 e 25) de um jeito engraçado e espontâneo.

Rafael é **hardcore**. [faz um gesto com as mãos se referindo ao hardcore em relação à música punk e rock] (T4)

Bastão de selfie numa mão, longneck na outra. **Tem que dar like**. [imita, o que imaginamos ser, a imagem do rapaz segurando a cerveja e o bastão para tirar fotos] (T4)

Enquanto confessa seu gosto por músicas do Justin Bieber, Jout Jout deixa evidente, de novo, sua ironia e humor através de seus maneirismos. Na primeira imagem (figura 26), Julia expressa sua incredulidade pelo fato de Caio ter comentado que estava ouvindo uma música do cantor com uma expressão de deboche, como se ela dissesse "conta outra, Caio".

Figura 26 – Estranheza



Fonte: Canal Jout Jout Prazer

²⁵Quando duas pessoas curtem o perfil uma da outra no aplicativo e podem, então, conversar.

Figura 27 – Pavor



Fonte: Canal Jout Jout Prazer

Figura 28 – Indignação



Fonte: Canal Jout Jout Prazer

Continuando a história de como se viciou nas músicas também, ela comenta e demonstra que não achava nada de mais em uma música em questão.

Aí ele [Caio] botou uma música, que se chama Sorry, e aí a gente ouviu no carro, né? [comenta com Caio] Aí eu falei: "**Sem graça, a música. Não vejo nada de mais nessa música**". (T5, figura 27)

Até que ela mesma passou a não parar de ouvir também e se indignou com o fato.

E aí cê fica assim: "**Justin, você tá mandando muito bem**". Mas é um problema horrível porque assim, **eu não admiro Justin, sabe?** Eu acho que ele não é uma pessoa tão do bem assim. **Mas aí ele faz essas músicas, o troço entranha.** Não tô sabendo como que a gente vai resolver isso. [Julia coloca o clipe da música para tocar] **Um inferno, isso.** [olhando para a câmera e apontando para o clipe] (T5, figura 28)

É notável que a espontaneidade dela não se restringe apenas ao modo de falar e explicar algo. Sua imagem também é a cara do canal. A fachada construída por ela garante identificação por quem assiste, além de coerência para poder ser do mesmo jeito em todos os vídeos e eles continuarem fazendo sentido. A alta expressividade facial de Julia compõe, com os demais recursos discursivos analisados, uma representação de si ancorada na honestidade, na franqueza e na autenticidade. O sucesso de seu canal depende fortemente da relação “olho no olho” com o espectador, e para isso o despojamento de Julia, o tom intimista, o caráter confessional e a diversidade de temáticas permitem-lhe alcançar uma audiência ampla. Jout Jout mantém há anos o canal e, do começo até o momento, ela soube se estabelecer dentro de uma (quase) vertente própria dentro dos *vloggers*²⁶ do YouTube. Com tiradas inteligentes e humor ácido, ela, mesmo não se propondo a ser uma comediante, arranca risadas da audiência ao mesmo tempo em que a faz refletir sobre questões complexas de temas diversos.

²⁶Youtubers que fazem vlogs (vídeo + blog), gênero que pode ser definido como vídeo diários.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procurei analisar o discurso do canal Jout Jout Prazer no YouTube, observando o comportamento e a apresentação de Julia Tolezano diante da câmera. Meu interesse central era discutir a representação de si mesma construída pela youtuber, a partir do conceito de fachada, proposto por Goffman, e de cena da enunciação, proposto por Maingueneau.

O discurso do canal se pauta dentro do gênero *vlog* na plataforma YouTube, com um texto opinativo da criadora presente em todos os vídeos. Ficou claro que um fator importante para seu sucesso é a sensação de proximidade que a youtuber cria com seu público, a partir não apenas do tom coloquial e direto, mas também pelo cenário ser quase sempre a própria casa de Julia.

Na análise da dimensão verbal, foi possível perceber Julia como alguém capaz de lidar com questões contemporâneas e polêmicas, sendo até considerada uma "destabilizadora" de temas dentro da internet. Julia apresenta coragem e destreza ao tratar de temáticas controversas, por vezes evitadas, como os relacionamentos abusivos e relatos da intimidade feminina, fazendo isso de maneira muito autêntica e espontânea. Assim, ela se moldou como alguém que consegue deixar qualquer assunto interessante para quem assiste, dos mais delicados aos mais tranquilos de lidar. O conteúdo do canal consegue não ser datado nem entediante por conta da universalidade de temas que a youtuber aborda, deixando até os vídeos mais antigos relevantes até hoje. Além disso, repetidamente ela demonstra ser alguém que usa o humor e a ironia para construir uma narrativa inteligente, divertida e que pode interessar a diversas faixas etárias. É interessante constatar que, ao usar a ironia, Julia se constrói como alguém inteligente, mas também alguém que concede ao espectador essa mesma inteligência, porque só os sagazes podem produzir e reconhecer a ironia.

Julia também usa com competência seu equipamento expressivo corporal. Em diversos momentos sua linguagem corporal complementa ou até mesmo substitui um trecho de fala, deixando parte da mensagem nas entrelinhas. Pela observação da dimensão audiovisual, fica claro o quão expressiva é Jout Jout. A enunciação ganha movimento e intensidade através das expressões faciais de

Julia e seus gestos corporais. Ela reforça a ideia do vídeo aparentar ser uma conversa informal com um amigo através de seu comportamento confortável diante da câmera - objeto que, para algumas pessoas, pode ser intimidador e podar algumas atitudes e gestos. Julia edita seus vídeos, mas mesmo assim não deixa de lado alguns aspectos mais "imperfeitos" em sua narrativa audiovisual, imprimindo a ideia de que ela fora do YouTube também se comportaria daquela forma.

A credibilidade de Jout Jout se relaciona com a coerência entre os elementos que formam o seu discurso. Por falar e se vestir como se estivesse conversando com conhecidos, ela produz um efeito de informalidade e acessibilidade. O público fã de Julia não se sente completamente distante da realidade da vida cotidiana dela, já que nos próprios vídeos não há alusão a uma vida de glamour, estabelecendo, portanto, uma sensação de proximidade. O ambiente íntimo das gravações - a casa dela - dá consistência à atmosfera de "vamos nos amar virtualmente" que Julia propaga em seu canal. A audiência provavelmente consegue se identificar com ela em algum aspecto, e com isso, sua atuação no YouTube ganha força e reconhecimento.

Há uma infinidade de conteúdos presentes no acervo de vídeos do YouTube e, dentro de cada área, é possível encontrar questões específicas que diferenciam um produtor do outro, mesmo que lidem com temáticas semelhantes. Neste trabalho procurei analisar os elementos que tornam Jout Jout a amiga e conselheira virtual de quase 2 milhões de pessoas inscritas em seu canal. Identificando os elementos discursivos que colaboram para o sucesso de alguém na internet, é possível criar uma base inicial a respeito do que as pessoas consideram e costumam consumir como entretenimento e informação na rede. No centro desse sucesso, no caso de Julia Tolezano, está a impressão que ela consegue criar de autenticidade, honestidade e franqueza – a força de sua fachada pessoal.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

BENETTI, Marcia. A ironia como estratégia discursiva da revista *Veja*. **Líbero**, São Paulo, ano 10, n. 20, 2007.

BENETTI, Marcia. Análise de Discurso como método de pesquisa em Comunicação. In: MOURA, Claudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (Org.). **Pesquisa em Comunicação**: metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

BERNARDAZZI, Rafaela. Youtubers e as relações com a produção audiovisual. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2016.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **Youtube**: digital media and society series. Cambridge: Polity Press, 2009.

CORUJA, Paula. **Expressões do(s) feminismo(s)**: discussões do público com a youtuber JoutJout. 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande Sul. Porto Alegre, RS.

FANTONI, Andressa. Não tira o batom vermelho: a informação na performance de Jout Jout. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Intercom, 2015.

GADRET, Débora. **A emoção na reportagem de televisão**: as qualidades estéticas e a organização do enquadramento. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande Sul. Porto Alegre, RS.

GLINIS, Shawn Michael. **VCRs**: the end of TV as efemera. 2015. Tese publicada pela University of Wisconsin Milwaukee.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 9.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

HADDAD, Galit. Ethos prévio e ethos discursivo: o exemplo de Romain Rolland. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

LIMA, Kárin Klem; MARTINS, Analice de Oliveira. **Videografias de si, narrativas de nós**: a intimidade compartilhada em Jout Jout Prazer. In: ENCONTRO VIRTUAL DE DOCUMENTAÇÃO EM SOFTWARE LIVRE, 13., 2016. **Anais...** 2016.

MACHADO, Julia de Oliveira. **Gênero e violência**: o discurso no canal Jout Jout Prazer. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Jornalismo. Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Org.). **Ethos discursivo**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2014a.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2014b.

ORLANDI, Eni. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 2.ed. Campinas: Pontes, 1998.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RECUERO, Raquel. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 1, n. 38, 2009.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

STRANGELOVE, Michael. **Watching youtube**: extraordinary videos by ordinary people. Toronto: University of Toronto Press, 2010.

TOLEZANO, Julia. **Tá todo mundo mal**: o livro das crises. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.